

ELEMENTOS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

Não achando um nome bem generico para designar a raça primitiva que constituiu os Scandinavos, raça de que os *Iberos* são tambem um ramo, Bergmann propõe chamar-lhe *Sabmeana* ou *Lappo-finnica*. Pertencem estes povos vindos dos planaltos do Ural e do Altai, ao ramo tonguse, que com o ramo tartaro formava a raça a que se tem dado o nome de *turaniana*. Viviam ás bordas do mar, principalmente do mar Baltico, e por isso, diz Bergmann, se chamavam a *gente da agua* (finn. *Suma-lassed*; esth. *Soma-lassed*; lap. *Sabme-lads*.)¹ A palavra *Suma* e *Soma* está revelando a característica ethnica da raça turaniana conservada entre os povos finnicos. Os sabmeanos precederam na Europa os keltas e os getas ou gotes e foram por elles repellidos para o norte, das bordas do Baltico para as ilhas e península da Scandinavia. Apesar da sua decadencia e degradação secular, os povos finnicos ainda conservam incalculaveis riquezas poeticas, como é uma prova a gigante epopéa mythica do *Kalevala*, colligida por Lonröt.

A genealogia historica da raça *sabmeana*, tão bem definida por Bergmann, fundamenta-nos um facto importante para a localisação das raças primitivas da Europa: que a raça a que se chama mongoloide, ou turaniana, que foi avassallada pelos celtas, entrou na Europa pelo norte e se misturou com os povos germanicos, como vemos nos *sabmeanos* ou finnicos, e pelo sul, como vemos na dif-

¹ *Les Getes*, pag. 51.

fusão dos *Iberos* até ás margens do Rhodano. Nas raças germanicas deu-se o phenomeno de recorrencia de tradições epicas, que ainda entre os scandinavos estavam n'um estado mythico; nos povos meridionaes deu-se a persistencia dos cantos lyricos, por causa da estabilidade do elemento iberico da Aquitania. A influencia sabmeana entre os Godos vem um dia tambem a fazer revivescer na peninsula hispanica os cantos epicos dos Romanceiros; diz Bergmann, no seu trabalho sobre os Scythas: «Mais tarde ainda a tradição epica dos Godos, dos Germanos e dos Scandinavos fallanos dos heroes taes como *Volker, Horund, Verbil, Svemlim, etc.*, que manejavam tão bem o instrumento musico como a espada, e na qualidade de musicos (*fidlari*) e de *poetas oradores* eram tambem empregados como mensageiros e embaixadores.»¹ E no mesmo escripto: «Nas linguas finnicas a palavra forjador era synonymo de artista, e servia para exprimir toda a especie de industria ou de arte, mesmo a *arte da poesia (runs-seppa)* o forjador de cantos; cf. *lioda smidr*.)»² N'um Romance popular portuguez, dos Açores, ainda se encontra um vestigio inconsciente das rimas finnicas ou scandinavas, no verso: «*Escreve n'essa bengala.*»³ A mistura de sangue turaniano nas raças germanicas é um facto provado, e por isso quando um dia ellas occuparam a peninsula hispanica, segundo a lei dos cruzamentos formulada por Müller, é natural que se dessem bastantes phenomenos de recorrencia do caracter iberico. Os Alanos, que primeiro entraram na Peninsula hispanica, «estavam conjunctamente alliados e aparentados com povos de origem scythica como os Godos, e com tribus de origem tartara como os Kuni, ou Hunos.»⁴ Os cantos heroicos, entre as raças germanicas eram chamados *Ciecones*, cantares de cegos, e esta palavra apparece-nos na Italia, em França, em Portugal e Hespanha; entre os povos scythicos, o cego não significava sómente o que era privado da vista, mas tambem o servo, o escravo, os vencidos. Eram estes os que cantavam ás mesas dos principes, e o seu caracter de inferioridade e desprezo foi conservado pelos jograes, e ainda no seculo xv o marquez de Santillana considerava infimos e despreziveis os que cantavam Romances tradicionaes.⁵ Na Edade

¹ *Les Scythes*, pag. 30.

² *Ibid.*, pag. 29.

³ *Cantos populares do Archipelago açoriano*, n.º 50 e 51.

⁴ Bergmann, *Les Scythes*, pag. 8 e 16.

⁵ «Os Seythas tinham por costume *cegar* os servos (Heredoto, iv, 2) com o fim, diziam elles, de não serem distrahidos nos seus trabalhos; mas o verdadeiro motivo d'esta barbaridade era impedir-lhes a fuga ou a revolta. Este uso atroz cessou completamente ou pelo menos foi muito restricto en-

média o nome de cego tornou-se synonymo de poeta, como *Cieco* d'Ascoli, *Cieco* de Ferrara, e foi entre as camadas populares, ou propriamente classes servas da Europa, que se conservou a tradição poetica d'onde saíram as litteraturas modernas. A preponderancia do sangue turaniano nos gaulezes, cuja origem scythica está demonstrada por Lagneau, explica-nos porque é que a França do norte com a fusão dos ramos germanicos franko e borguinhão, produziu essa assombrosa fecundidade epica das *Canções de Gesta*.

A persistencia do elemento *iberico* do Sul, que veio pela Asia menor, ou pela Africa como se deduz do typo berbere, ¹ é que nos explica a expansão lyrica meridional, ou provençalesca. Se o ramo *sabmeano* se fusionou com as raças germanicas ao norte, o ramo *iberico* fusionou ao sul com as raças celticas, e em condições naturaes.

As investigações sobre a raça iberica levam-nos ás seguintes conclusões: que a raça turaniana precedeu na peninsula as raças áricas e preparou o caminho da sua civilisação. A raça turaniana divide-se na peninsula em dois ramos; o primeiro é o mais antigo, é uma derivação do typo *berbere*, vindo da Asia através da Africa, e fixando-se ao sul da Europa e nas ilhas do Mediterraneo. A este chamaremos o ramo *iberico*, que se estendeu pelo sul da França, região meridional da Italia e ilhas Britanicas.

O segundo é o ramo *Euske* ou basco, derivado do elemento scythico, e que desceu do norte da Europa vindo da Asia, e na França constituiu o elemento gaulez; este entrou na peninsula pelo norte, e não desceu mais do que até á Aquitania.

Cada um d'estes ramos teve o seu destino historico. O Ibero assimilou-se facilmente ao Phenicio e ao Arabe, quando entraram por seu turno na Peninsula; porque sendo o Ibero de origem Berber, esta raça apresenta duas classes, a dos Lybios que chegaram a fusionar-se com os Phenicios, e a dos berberes que fusionando-se com Arabes deram origem aos Mouros. Estas fusões parciaes explicam primeiramente a civilisação Bastulo phenicia da peninsula, e seculos depois a civilisação arabe da Hespanha, que persiste ainda através da mais ferrenha reacção catholica. Mesmo quando os Romanos coadjuvando os gregos contra os phenicios, e batendo os

tre os Scythas agricultores, cujos escravos empregados nos trabalhos dos campos não podiam occupar-se d'isso sendo privados da vista. Comtudo, *escravisar* e *cegar* eram duas cousas tão intimamente ligadas na ideia dos povos da antiguidade, que na lingua dos Scythas *filho de cego* é synonymo de escravo... (Herod. iv, 28). » Bergmann, *Ib.*, pag. 22.

¹ Segundo Bodichon, nos *Etudes sur l'Algerie*, os Iberos passaram da Africa á Hespanha, e conclue pelas analogias entre o Bretão e o Kabyla.

carthaginezes se apoderaram da península já vinham das conquistas da Africa, onde receberam mercenários numidas e colonos agrícolas berberes, ou *barbaros*.

O *euskariano*, combinando-se com o elemento árico dos Ligures, e formado principalmente pelos Gaulezes, de origem evidentemente scythica, não só tornaram fácil a assimilação com os Celtas, contribuindo para a sua civilização, como pela sua origem sabmeana, facilitaram também a fusão das raças germanicas, dos Lombardos e Ostrogodos na Italia, dos Francos e Burguinhões em França, e dos Wisigodos e Suevos na península hispanica, bem como uma outra invasão de tribus normandas e scandinavas. Esta genealogia ethnica é que nos faz comprehender a persistencia de um dado typo iberico e a recorrencia de um certo numero de costumes e tradições, e mais ainda a separação nacional entre Portugal e a Hespanha.

A differença entre os dous ramos do tronco turaniano o *Eusk* e o *Ibero* não é uma subtilidade; aqui a intuição do genio de Guilherme Humboldt comprova-se com os factos antropologicos, que o progresso d'esta sciencia veiu pôr em relevo. Em numerosas passagens das *Memorias de Antropologia*, o illustre Broca estabelece a differença entre o Basco francez e o Basco hespanhol, postoque não saiba explicar os motivos d'essa differenciação primordial. Transcreveremos os principaes trechos de Broca, para fundamentar em primeiro logar a differença ethnica entre o Basco francez e o hespanhol, e para tentarmos depois uma explicação que nos parece segura: « Assim os Bascos francezes differem notabilissimamente dos Bascos hespanhoes, e se aproximam em certos pontos dos seus visinhos Bearnezes. » ¹ Broca desconheceu o facto das duas designações ethnicas de *Eusk* e *Iber*, o primeiro descido do norte da Europa, como se prova pela sua estabilidade no triangulo da Aquitania, o segundo tendo entrado na Europa pelo sul, vindo da Asia através da Africa como se demonstra pela dolichocephalia do Basco hespanhol e do Berber. No emtanto Broca fornece-nos estas duas provas de um alcance immenso para as origens da civilização moderna. Recapitulemos as duas provas, autenticadas pelas suas proprias palavras: « Na época que Cesar invadiu a Gallia, tres povos, ou antes tres grupos de povos, differentes nos costumes, na lingua e na raça occupavam o territorio da França. Eram os *Aquitianos*, comprehendidos entre o Garonna, os Pyreneos e o Oceano... Tudo leva a crêr que os *Aquitianos* pertenciam a esta raça de cabellos negros, cujo typo se conserva

¹ *Mém. d'Antropologie*, t. II, pag. 43: Les caractères des Cranes Basques.

quasi sem mistura entre os Bascos actuaes (Gascões, Vascones, Bascos).»¹ Esta persistencia do elemento *Eusk* na Aquitania, é que nos ha de explicar a efflorescencia e diffusão do lyrismo moderno da Provença e sua propagação á Italia, Sicilia, Portugal e Hespanha.

Quanto á segunda prova, a analogia do Basco hespanhol com o Berber, escreve Broca, discutindo os craneos de Zaraus: « Quasi todos se fazem notar por um desenvolvimento consideravel da parte occipital, de sorte que se são dolichocephalos, não é á maneira dos Europeus, mas antes á dos negros, dos Berberes e dos Kabylas; etc.»² As consequencias d'este facto, a entrada dos Bascos hespanhoes na Europa, através da Africa, são nada menos do que a comprehensão plena da influencia dos Arabes pelo elemento maurasco ou berber, e como o lyrismo arabe, de origem accádica, veiu activar de um modo espontaneo o lyrismo meridional.

A differenciação antropologica entre o elemento *Eusk* e o *Iber* é tão importante, que todas as provas se devem archivar como bases positivas para as deducções historicas que d'ella se derivam. Escreve Broca sobre os dois typos bascos: « Posso segundo isto, crêr, ou melhor, suppôr que as duas raças, uma brachycephala, e outra dolichocephala, cuja mistura tinha produzido, antes do seculo xvi, a população de Sam João da Luz, differiam muito mais pelo indício cephalico, do que pelos outros caracteres. Uma d'estas raças é actualmente predominante na Vasconia hespanhola; quanto á outra, que predomina hoje na terra do Labourd, e sem duvida tambem no resto da Vasconia franceza, é provavel que antes de se achar em contacto com a primeira, d'este lado dos Pyreneos, ella alliava já os caracteres da brachycephalia com muitas feições recebidas da raça dos Bascos da Hespanha, quer esta similhança fosse o resultado de uma fusão anterior, quer ella dependesse da influencia atavica de uma raça mais antiga, tronco commum dos dois ramos, que, ao fixarem-se sobre as duas vertentes dos Pyreneos, ahi se cruzariam respectivamente com duas populações autochtones differentes, uma dolichocephala em Hespanha, a outra brachycephala em França. — Esta questão, sobre a qual não se acham comprovações historicas, abre um vasto campo ás conjecturas.»³ As conjecturas desaparecem diante das duas correntes de migração turaniana na Europa, e da propria differença cephalica da raça turaniana ainda na Asia. Paul Broca insiste no facto da differenciação: « Propendo a

¹ *Mém. d'Antropologie*, t. II, pag. 105.

² *Ibid.*, I, pag. 282.

³ *Ibid.*, II, pag. 43.

acreditar que os antigos habitantes do paiz basco francez eram brachycephalos; que os do paiz basco hespanhol eram dolichocephalos, e que a dolichocephalia que se observa actualmente sobre um grande numero de Bascos francezes foi consequencia do mixto effectuado desde o fim do sexto seculo, em resultado da immigração dos Vasconios ou Bascos hespanhoes.»¹ Um pouco adiante conclue: «a raça brachycephala, que era, segundo toda a probabilidade, a dos Bascos francezes, era bem superior em numero á raça dolichocephala, que era sem duvida a dos Vasconios ou Bascos hespanhoes.»² Paul Broca ataca de frente o problema ethnogenico contido n'estes dados, e depois de discutir e eliminar as differentes hypotheses do problema, conclue pela differenciação primordial: «Procuraremos agora tirar d'este longo paralelo uma conclusão ethnogenica? Que existe uma differença importante entre os dois grupos dos Bascos de Sam João da Luz e dos Bascos de Guipuzcoa, é um facto incontestavel e independente das theorias. Para explicar esta differença, ou antes, para a conciliar com a unidade não menos incontestavel que proclama a linguistica, póde-se inquirir primeiramente se se trata de uma só e unica raça, diversamente modificada pela influencia dos meios. Mas, seja qual fôr a ideia que se faça d'esta influencia, é claro que as condições do solo e do clima são bastante semelhantes sobre as duas vertentes dos Pyreneos para que se pudesse ahi achar a causa da transformação de uma raça dolichocephala em uma raça brachycephala, ou reciprocamente; e, quanto ás condições moraes, intellectuaes, politicas, religiosas, ou outras, que constituem o que se chama o *meio social*, ellas são mais semelhantes ainda, pois que, sob esta relação os dous ramos do povo basco apresentaram sempre e apresentam ainda hoje a mais notavel unidade.»³ O illustre antropologista francez levanta todas as hypotheses imaginaveis para explicar a differenciação ethnica, refutando-as com factos scientificos e portanto eliminando gradualmente essas complicações do problema, concluindo depois de uma severa discussão: «Assim, de qualquer maneira que se proceda para explicar como uma raça basca primitiva póde, cruzando-se com as raças indo-européas dar logar aos dois typos bascos actuaes, quer se considere como primitivo o typo brachycephalo, hoje predominante no Labourd, ou o typo dolichocephalo, que é mais predominante ainda na Vasconia hespanhola, embarça-se contra objecções, ás quaes é bem difficil responder. E se se torna

¹ *Mém. d'Antropologie*, pag. 45.

² *Ibid.*, pag. 53.

³ *Ibid.*, pag. 77.

por isso provavel que a diversidade dos grupos bascos não foi consecutiva á introducção dos elementos indo-europeus, é-se levado a conjecturar que ella existia anteriormente. É a esta conjectura que me ligo provisoriamente. — Mas, esperando, as probabilidades me parecem convergir para esta ideia, que os nossos dois typos bascos e sua distribuição actual, datam de uma época anterior não sómente aos tempos historicos, mas ainda ao inicio da éra indo-européa. »¹ Sobre a côr dos olhos azues ou verdes da raça de Sam João da Luz, e dos olhos castanhos, segundo as observações minuciosas de Argelliès, Paul Broca conclue: « A differença entre estes dois typos é bastante pronunciada para que se possa attribuir a uma differença ethnica, e presumir que a população descende de duas raças ao menos, uma com olho pigmentado, outra com olho não pigmentado. »² Assim reconhecida pelos processos e provas da antropologia a differença ethnica dos dois ramos bascos, fortalece-se com o facto que se dá na séde da raça turaniana ainda na Asia, e na dupla direcção das suas migrações para a Europa, bem como pelas diversas aptidões para a metallurgia e para a agricultura. Na religião tambem se encontra a differença dos deuses, em *Dingir, Tegri, Tangry, Tengri, Tangli e Tangara* para os Bascos que desceram pelo norte da Europa, *Devol, Dovel, An Tuval, En Dovelico, Ama Dubellen, Idevor e Niduver* para o ramo basco da Hespanha³. Assim o ponto de vista, puramente linguistico de Humboldt fica justificado pela Antropologia; e do nome do deus *Dovel, Devol* ou *Thobal* chamaram Flavio Josepho e Sam Jeronymo *Thobeles* e *Thubal-litas* ao Basco hespanhol ou Ibero.

As differencições dos Iberos não foram desconhecidas aos geographos antigos:

« Os que vivem ao norte da Hespanha; pois aqui não só se differenciam pelo seu valor, senão tambem pela sua crueldade... »⁴ Esta differenciação observada por Strabão, explica-se pelo territorio: « Esta nação em uma grande parte do seu terreno não offerece aos seus habitantes uma morada mui aprazivel; porque são frequente n'ella as rochas, os bosques e selvas, e tambem nas planicies por vezes a terra é mui delgada ou leve, e as mais carecem de regadio. A parte pertencente ao norte é bastante fria, montanhosa, exposta ao oceano, sem commercio com outras nações... »⁵

¹ *Mém. d'Antropologie*, pag. 80.

² *Ibid.*, pag. 90.

³ Sobre o Deus *Endovelico*.

⁴ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 115.

⁵ *Ibid.*, pag. 70.

« Não é assim a parte meridional, que quasi toda é feliz em summo grão... »

Esta diferenciação nota-se no Ibero metallurgo, ou dado á industria mineira, e no Ibero agricola e constructor de canaes de irrigação. Diz Silio Italico, fallando nas minas de ouro da Península :

*Astur avarus,
Visceribus lacerae telluris mergitur unis,
Et redit infelix effoso concolar auro.*

Punica, lib. I, 229.

Caracterisa com vigor o asturiano que rasga o seio da terra para colher o ouro, e sae das minas mais palido do que o mesmo ouro. Strabão tambem descreve os trabalhos de mineração dos Iberos junto dos Pyreneos, cuja abundancia de jazigos era reputadissima. ¹ O mesmo com relação aos gallos, ou iberos francezes. A visinhança dos montes ao passo que os fazia mais selvagens do que o ibero das planicies, forçava-os á industria metallurgica. Diz Strabão: « Fronteiros a este rio e parallelas a elle se apresentam os espinhaços de uma cordilheira de montanhas (Serra Morena) mais ou menos inclinadas para o norte, que são abundantissimas em todo o genero de metaes; e com effeito os que estão visinhos a Hipa são abundantissimos em minas de prata e não o são menos os que estão visinhos a Sisapon, tanto o antigo como o novo (Valdelazogue ou Almaden). E nas montanhas chamadas das Cotinas (ao occidente e norte de Sevilha) de uma mesma mina se extraem ouro e cobre. » E adiante: « Pela parte de cima (do Betis) se acham montanhas abundantissimas em arestas de ouro e prata, e se dilatam até tocar com o Tejo; e já se sabe que os montes que abundam em metaes são geralmente asperos e estereis: assim são os da Carpetania e seus visinhos e ainda mais os da Celtiberia; taes são tambem os da Beturia, cujos campos indo-entestar com o Ana são bastante seccos e estereis. » ² Nos Artabros, que são os ultimos para o norte e occidente da Lusitania, pullula com abundancia aquella terra, segundo dizem, em prata, em estanho e ouro, que é esbranquiçado por ter mescla de prata. Os rios arrastam esta terra mineral... » ³

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 86.

² Ibid.

³ Ibid., pag. 88.

O caracter agricola do Ibero meridional coexiste com a industria metallurgica, porque na Turdetania « ao mesmo tempo que subministra tanta quantidade de prata e ouro, é prodigiosa sua abundancia em todo o genero de colheitas. Esta feracidade e variedade de fructos dobra seu valor e riqueza por meio da exportação, e a multidão dos marinheiros contribue para o prompto despacho dos artigos restantes. Facilitam este commercio não só os rios, senão tambem o mar que se introduz pelos esteiros e os faz tão navegaveis como os rios, desde suas bordas até ás cidades mediterraneas, onde se chega em grandes barcos.» ¹ Por aqui se vê, que a exploração agricola se alliava aos estímulos para a navegação em que tanto se havia de revelar o genio peninsular. Strabão falla das *insuas*, ou terras adjacentes aos rios « cultivadas com o maior esmero e pericia » ² e sob o dominio arabe este talento agricola reapareceu com o contacto das tribus maurescas, se é que esse estímulo não é mais antigo. Strabão falla das relações commerciaes com Tingis (Tanger) na Mauritania, e ao mesmo tempo de uma transplantação de população *mauresca* da cidade de Zeles e algumas familias de Tingis para a nova cidade e colonia Julia Joza (Algeziras). ³ Este facto é importantissimo para explicar o desenvolvimento da agricultura entre os Iberos, a sua reviviscencia do typo dolichocephalo do Berber, e a facil coexistencia com as tribus maurescas vindas da Africa com a invasão arabe; o talento para os trabalhos de irrigação e canalisação, que tanto distingue as tribus maurescas, já era notado por Strabão no Ibero: « Tambem construíram em muitas partes canaes de navegação, pelos quaes se cruza de umas povoações para outras, e por elles se fazem exportações, já para os naturaes, já para os estrangeiros. » ⁴ A sua industria agricola, que caracteriza o Ibero mais civilisado, define a natureza da sua actividade mercantil: « Os artigos de commercio que se extraem da Turdetania são trigo, muito vinho, abundante e fino azeite, cêra, mel, pez e gram de purpura, minio ou vermelho, que não é inferior em qualidade á terra sinopica. Nos portos se ajunta muita madeira de construcção da propria região, e finalmente sal gemma, além do que em grande abundancia dão os rios e fontes salgadas, que são muitas. » ⁵ Strabão falla em seguida dos escabeches, dos tecidos, e especialmente « das lãs dos carnei-

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 80.

² Ibid., pag. 79.

³ Ibid., pag. 76.

⁴ Ibid., pag. 82.

⁵ Ibid., pag. 82.

ros coraxos, cuja belleza é incomparavel.» Tal é ainda hoje a exploração dos *merinos*, e os principaes artigos do commercio de Hespanha e Portugal.

Na differenciação do Ibero peninsular, o territorio tornou um ramo mais progressivo, que chegou a fundar uma civilisação rudimentar. Taes foram os Turdetanos. Estes povos estavam collocados em uma *mesopotamia* formada pelo Ana e pelo Tejo, como diz Strabão: «O Ana em certo ponto do seu curso descae para o meio dia, e fórma com o Tejo uma mesopotamia habitada a maior parte pelos Celtas e por algumas familias de lusitanos, que do outro lado do Tejo para aqui trouxeram os romanos e lhes destinaram habitação.» Importa distinguir n'estes Celtas de Strabão o que ha de elemento scythico.¹ «Esta região... de seus habitantes é chamada *Turdetania*, pois que seus habitantes se chamam turdetanos e turdulos, bem que ha quem os tome por uma só gente.» — «Os Turdetanos são reputados pelos mais illustres de todos os Iberos; estudam a sua lingua pelos principios da grammatica (*character da civilisação accadica*); seus annaes ou memorias escriptas remontam a uma prodigiosa antiguidade; tem poemas, e as leis com que se governam, escriptas em verso, segundo elles contam seis mil annos de antiguidade.»² Quando Strabão consignava estes factos, não era conhecida a extincta civilisação accadica, e portanto estes poemas, talvez analogos ao de *Isdubar* da Chaldêa, e estes annaes, analogos ás Inscriptões cuneiformes, pareciam-lhe extraordinarios. A persistencia das fórmas lyricas das *serranilhas* na tradição peninsular, a sua revivescencia pelo genio arabe, e a sua efflorescencia na época provençal, explicam-nos tambem como os antigos romances e aravias hespanholas e portuguezas pertencem a esse cyclo de poemas, analogos em tudo aos que na Finlandia se repetiam até que com elles Lönroth formou a epopêa do *Kalevala*. Das outras tribus ibericas falla Strabão differenciando-as pela sua inferior cultura e dialectos: «Os outros Iberos têm tambem grammatica; porém é de outra natureza que a anterior, nem fallam a lingua propria e privativa da Iberia, senão que fallam outros idiomas.»³ Estes dialectos eram dos bastulos, em que entrava um elemento phenicio, eram dos Celtiberos, das colonias maurescas, de modo que o turdetano era propriamente lingua escripta tendendo para fixar-se na litteratura.

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 74.

² Ibid., pag. 74.

³ Ibid., pag. 75.

A introdução do elemento phenicio sobre os Iberos da Turdetania é facil de explicar, attendendo á cultura accadica dos Phenicios. Diz Strabão: « ainda hoje em dia muitas cidades da Turdetania e de algumas regiões visinhas estão habitadas por Phenicios. »¹ A maior parte do onomastico portuguez das localidades é phenicia, e isto differencia o Ibero occidental e maritimo do que veiu a ser propriamente hespanhol. A lenda das *Ilhas encantadas*, que seduziu sempre a imaginação portugueza e despertou o genio maritimo d'este povo, é de origem phenicia, da memoria das ilhas que primeiro habitaram no golfo persico; taes eram as fabulas das ilhas Cyaneas ou Symplegadas, ou Penhascos errantes, que se tornaram as Fortunatas e Avalon.² Assim como acceitaram os costumes dos Phenicios, os Turdetanos imitaram tambem os Romanos, e este caracter *imitativo* é por onde se conhece ainda hoje o portuguez na sua arte, litteratura e governo: « A esta felicidade da Turdetania, á doçura dos seus costumes e á sua civilização se assimilha muito a dos Celtas por sua proximidade com os Turdetanos, e por certa cognação que contrahiram já, como diz Polybio. Porém, não chegam a igualar-se com elles, pois os Celtas ainda hoje vivem em aldeias ou vicos de poucos moradores: ao passo que os turdetanos, especialmente os da borda do Betis, quasi todos tomaram as maneiras e o genero de vida dos romanos. Até do seu idioma nativo se esqueceram, e a maioria falla o latim, por causa de se mesclarem com muitas familias que sendo romanas se domiciliaram entre elles; de maneira que pouco falta para que todos pareçam romanos. »³ Este facto é importantissimo para a ethnologia iberica, porque a facilidade da fusão com os Phenicios, manifesta-se na *imitação* dos Romanos, da mesma fórma que na *imitação* dos costumes Árabes (Mosarabes).

A fusão com os Celtas, relativamente aos Phenicios e Romanos bastante atrasados, fizera recuar o progresso dos Iberos, e como nota Strabão « os *Celtiberos* sempre foram reputados por mais indomitos e feros. »⁴ Onde predominou o elemento *celtiberico* custou aos Romanos a conquista para mais de dois seculos de campanha; Strabão retrata este elemento celtiberico, em que entram o Callaico e o lusitano,⁵ como tribus isoladas, traiçoeiras e dadas á rapina:

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 90.

² Ibid., pag. 90 e 92.

³ Ibid., pag. 93.

⁴ Ibid.

⁵ « E ainda hoje em dia succede que uma parte dos *Lusitanos* são chamados *Callaicos*. » A gente do Alemtejo chama Gallegos a todos os que occupam do Tejo para cima.

« São pois, cerca de trinta as diversas gentes que habitam entre o Tejo e os Artabros, (celtas do promontorio Nerio ou Finisterra) do que se infere quam abundante é esta região em fructas, em gados, em ouro e prata e outras riquezas semelhantes. Antigamente muitas d'estas tribus, odiando a vida da agricultura, e vivendo da rapina, estavam em continua guerra, já entre si mesmos, já com seus visinhos, e ás vezes chegavam a passar o Tejo, incommodando a toda a região. Porém, já os Romanos lograram contel-os e humilhar sua audacia, e reduzindo muitas de suas cidades em aldeias, os ensinaram a viver com tranquillidade. Este mal teve sua origem no que de ordinario succede nos paizes asperos e montanhosos, pois tendo que cultivar uma terra ingrata e insufficiente para manter a povoação, desejavam a par da vida fazer-se donos dos terrenos que os outros possuiam. E acontecia que estes mesmos que viviam da agricultura, vendo-se forçados a defender-se e a repellir os invasores, tinham de deixar o arado e tomar as armas, ficando os campos sem cultura, e não podendo manter os seus legitimos possuidores, estes mesmos também se faziam ladrões. Os lusitanos são homens insidiosos, escuadrinhadores ou investigadores, ageis, ligeiros, inconstantes e credulos; etc.» ¹ Este caracter meio selvagem foi produzido pelo cruzamento dos Celtas com os Iberos; foram os Romanos que operaram pela sua força militar e administrativa a unificação politica d'estes Celtiberos, comprehendidos entre o promontorio Nerio e o Tejo, com a nação turdetana, pacifica e civilisada. Aqui era mais facil esse tradalho, porque bastava apear os muros das cidades; ao passo que para o centro da península existiam altas montanhas onde o Celtibero foragido se apoiava na resistencia. Strabão admirava-se como os Celtiberos « *que sempre foram reputados mais indomitos e feros* » se romanisaram do mesmo modo que os Iberos! Esta unificação operada pela conquista romana lançou as bases para a futura precocidade da unidade nacional portugueza, onde de facto se fundiram dois elementos ethnicos que o dominio arabe, não se estendendo acima do Douro, fez definir-se melhor. De facto o dominio arabe fixa-se com mais intensidade na antiga mesopotamia do Ana e Tejo, onde se desenvolveu a civilisação turdetana, ou iberica propria; e na Beira, onde se fixaram os Berones (originarios da transmigração ou exercito dos Celtas ²) existe a *imitação* dos costumes arabes, persistindo o typo do Celtibero romanisado pelo colonato no Mosarabe. A federação era a fórmula natural da constituição politica do Ibero;

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 97.

² Ibid., pag. 111.

Strabão falla da cidade de Asta como da séde da dieta ou federação turdetana; ¹ e as moedas bilingues da península justificam essa noticia dada tambem por Strabão das Cidades duplas, ou de diversos povos separados por um muro, mas visinhos para a defeza mutua. ² Quando os romanos apearam os muros das cidades celtibericas destruíram estas federações naturaes, para conservarem a conquista e unificarem sob um mesmo regimen administrativo. Assim foi facil a illusão dos historiadores em abstraiem do antigo elemento iberico, celtiberico e hispanico, para considerarem os povos peninsulares como completamente romanos.

Quem observar os vestigios ethnicos dos povos ibericos conservados por Strabão na sua descripção geographica, e os comparar com os costumes actuaes, pasma da sua extraordinaria persistencia e sobrevivencia, se não vir que elles persistem por phenomenos de recorrencia ao typo iberico pelas invasões phenicias, pelo colonato romano, pelos germano-scythas (alanos) e pelas tribus maurescas.

Na entrada dos Celtas na Europa a raça iberica foi invadida, mas deu-se um phenomeno notavel, que se não odiaram mortalmente, e ao cabo das primeiras luctas já se acharam fusionados. Diz Ufvalvy, na *Migração dos Povos turanianos*: «onde quer que os Celtas e os Iberos se encontraram, acabaram por se confundirem; os nomes o provam: *Celt Iberos, Umbrianos, Cimbro*s, etc. Os Iberos foram então repellidos para as montanhas, ou acabaram por absorver os seus aggressores, como em Hespanha. Nós pensamos que na Escossia, na Irlanda e nos paizes dos Bascos o elemento iberico predomina ainda hoje, ao passo que no paiz de Galles e na Bretanha é o elemento celtico que entra em maior escala. Em Hespanha e na Irlanda poderia ter havido vestigios de uma influencia mais ou menos directa dos Phenicios. Seria então da mais alta importancia comparar a lingua basca com o irlandez, as linguas berberes com o albanez, etc. Os Bascos são certamente Iberos, que adoptaram uma grande quantidade de palavras celticas. Por ventura achar-se-ha nos Alpes vestigios dos Iberos, o que nos parece muito provavel, mas certamente acham-se ahi restos de Celtas.» ³ Na invasão celtica uma parte da Europa conservou-se quasi extranha a essa nova influencia, ficando ahi o elemento iberico n'uma certa pureza de raça; o eminente antropologista Paul Broca considera a Aquitania como um triangulo comprehendido entre os Pyreneos, o Garonna e o Golfo da Gasconha, no qual se conservou isolada a ra-

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 79.

² Ibid., pag. 407.

³ *Migrations des Peuples*, pag. 489.

ça ou população primitiva que veio a ser subjugada na Europa pela occupação dos Arias. É esta também a opinião de Jorge Phillips, citada por Jubainville: «Muito mais tarde, isto é, no tempo de Cesar, os Iberos possuíam ainda na Gallia a maior parte do territorio situado entre o Garonna, o Oceano e os Pyreneos; elles se conservaram n'este vasto triangulo, apesar das conquistas dos Ligures primeiramente, e depois de um inimigo muito mais terrivel, a raça celtica.»¹ Este triangulo aqui demarcado é a Aquitania; foi n'esta zona que floresceu a poesia trobadoresca, por isso que ali persistiram mais puros os elementos tradicionaes do lyrismo provençal. O apparecimento e propagação quasi simultanea d'esse lyrismo da Provença para a Galliza, para a Italia e para a Sicilia, tem a sua razão n'um fundo ethnico commum. O lyrismo germanico, em cuja raça entraram bastantes elementos scythicos, teve o mesmo processo organico de manifestação; as poesias dos Minnesingers, os *Minneliedes*, foram uma revivescencia dos antigos cantos populares das raças germanicas do tempo de Carlos Magno, e, interdictas ao povo no tempo de Luiz Debonnario, revivesceram á primeira comunicação com o lyrismo provençal. Essas poesias populares da antiga Aquitania iberica representavam a vida pastoral e agricola nas encantadoras pastorellas communs a todos os povos meridionaes da Edade média; ainda no seculo xvi, Montaigne conhecia esses cantos tradicionaes com o nome de *Villanelles*.

Ao fallar do elemento iberico, Mommsen, na sua *Historia romana*, reconhece o alto grão da civilisção da peninsula e a persistencia de um certo numero de caracteres no povo hispanico: «Era uma difficil empreza que os Romanos se haviam imposto em querer domar e civilisar a todo o custo estes povos turbulentos, amorosos de combates, ardentes já á maneira do *Cid*, e arrebatados como *Don Quixote*.» O caracter nomada da raça a que pertencem as tribus ibericas prevaleceu na peninsula, e subsiste na sua historia, e fez com que ellas não fundassem uma civilisação capaz de resistir pela unificação politica; Mommsen accentua esta caracteristica, alludindo á persistencia de outro caracter ethnico: «Se elles pudessem ter-se submettido á disciplina; se chegassem a ter alguma cohesão politica, teriam sido bastante fortes, talvez, para repellir victoriosamente o invasor estrangeiro; mas a pura bravura era mais a do *guerrilheiro* do que a do soldado, e faltava-lhe o senso politico.»² Todos estes caracteres se applicam ainda ao povo hespanhol; fortalecem-nos as palavras de um historiador tão seve-

¹ *Les premiers Habitants de l'Europe*, pag. 30.

² *Hist. Romaine*, t. III, pag. 273-276. Trad. franc.

ro como Mommsen, que vae derivar do elemento iberico esse genio nacional personificado nas creações tradicionaes e litterarias do *Cid* e *Don Quixote*, e nos costumes actuaes dos pronunciamentos e das guerrilhas.

Um outro facto apontado por Mommsen, e a que ligaremos uma explicação historica, é a da independencia das regiões centraes, e do Norte e Oéste da Peninsula, que não acceitaram o jugo da invasão romana; de facto foi ao noroéste da peninsula que se conservaram as tradições poeticas, que produziram essa efflorescência lyrica tão prematura, que o Marquez de Santillana ainda no seculo xv considerava os Gallegos e os Portuguezes como os que primeiro exerceram *esta Arte que maior se chama*.¹ O espirito de resistencia contra o dominio romano conserva os cantos populares como um meio de excitar a coragem, por isso onde maior foi a resistencia ahí se deve encontrar uma maior persistencia tradicional. Além d'isso a proximidade do fóco poetico da Aquitania, onde a raça se conservára menos perturbada pelas invasões áricas, fez com que na revivescencia de certas fórmulas lyricas coubesse á Galliza e a Portugal a acção iniciadora. E na verdade, os Cancioneiros gallegio-portuguezes encerram as composições lyricas mais bellas de tudo quanto resta da Edade média n'este genero;² como se póde explicar esta belleza excepcional senão por uma maior pureza da tradição?³

Temos até aqui reunido os factos para o conhecimento antropológico da raça *iberica*, considerada com bastante fundamento como um ramo da raça turaniana, mongoloide, ou melhor do ramo allophylo do tronco branco, ou uralo-altaica, distincta da raça finnica por ter entrado na Europa pelo sul e vindo através da Africa. A extensão da raça *iberica* está hoje determinada, sendo um dos ramos mais importantes os *Sicanos* das margens do Sena, que passaram da Gallia para a Italia, e que são talvez os scythas conhecidos pelo nome de Sakes; os *Cunetes*, que habitavam junto do Guadiana; os Tartesses, comprehendendo os *Turdulos*, *Turdetanos* e *Martianoi*, que habitavam junto do Guadalquivir; os *Sordones*, que habitavam junto do rio Sordus; os *Liburnos*, *Libu* ou *Rebu*, da Gallia

¹ Eis o trecho de Mommsen: « Mas se é certo que ao Sul e a Léste os indigenas por algum modo abriram o caminho á civilisação e ao dominio romano, não foi o mesmo ao Oéste, no Norte e no interior do paiz. Ali as numerosas e rudes povoações mostraram-se absolutamente refractarias. » *Op. cit.*

² Os philologos allemães o confessam.

³ Este ponto já está desenvolvido nos nossos trabalhos sobre Historia da Litteratura portugueza.

cisalpina, de *Brescia* e de *Verona*; os *Siluros* da Gram-Bretanha; os *Kempses*, no Guipuzcoa, compreendendo os *Asturos*, os *Cantabros* e os *Lusitanos*; os *Vascons*, junto do Ebro; os *Ceretes* ao pé dos Pyreneos; finalmente os *Iglebres*, os *Gletas*, *Indiketes*, e *Edetani*. Estes povos não chegaram a produzir uma unificação nacional, e sendo contemporaneos dos periodos da mais alta civilização egypcia, receberam a sua primeira cultura dos phenicios, dos gregos e dos romanos que os dividiram e subjugarão. Os Celtiberos possuíam as letras gregas primitivas, os Turdetanos tinham as suas letras formadas com caracteres gregos, phenicios e lybios; os Bastulos tinham o alphabeto phenicio, como se observa nas legendas das moedas chamadas *dinheiro de Osca*. Emfim os Turdetanos formavam um nucleo de civilização, que tenderia a unificar todos os elementos ibericos, se se não dessem as successivas invasões da Peninsula; os Turdetanos, como relata Strabão, possuíam Cantos tradicionaes, um código de leis versificadas, e annaes historicos antiquissimos; este facto não surprehende hoje ninguem, depois que se acharam os cantos lyricos dos turanianos da Caldêa; os cantos epicos dos sumirianos da Assyria e o *Kalevala* da Finlandia. Nas inscrições lapidares da Peninsula existem bastantes nomes de Deuses, para por elles se deduzir o caracter da religião dos Iberos; o confronto das superstições populares de Portugal e Hespanha com as supertições accadiccas, revelar-nos-hão a persistencia do genio iberico; finalmente os costumes actuaes revelarão de vez em quando ainda essa physionomia primitiva.

Sobre a religião dos Iberos, alguma cousa se pôde dizer de positivo percorrendo as inscrições lapidares da Peninsula, hoje publicadas por Hübner. A religião era essencialmente fetichista, não o fetichismo das raças selvagens, mas esse fetichismo especulativo hoje tão bem conhecido pelo culto accadico, e especialmente pela religião dos Chinezes. Os nomes de alguns deuses ainda hoje se encontram entre varias tribus nomadas da raça amarella; e na epigraphia peninsular, nomes de deuses como estes *Abiafelaesuraecus*, *Aegiamuniægus*, *Baudiarbariecus*, só podem ser considerados como agglutinações de differentes nomes de divindades, e reductiveis aos seguintes elementos, que são ainda hoje deuses entre as tribus altaicas, como *Abu*, *Aval*, (*Esu*, divindade celtica) *Okke*, *Aegieus*, (*Manyos*, divindade meda) e *Ba*, *Ander*, *Bari* ou *Buron*, *Okke*. Da immensa lista de Deuses ibericos, o unico mais conhecido pelos monumentos epigraphicos é *Endovelico*: sobre este deus tem-se desarrazoado bastante por falta do justo criterio ethnologico. As suas tres fórmãs, como se lê nas inscrições, *Endovellico*, *Endobolico*, *Enobolicus*, são reductiveis ás seguintes divindades *Ana*, *Dovel* ou *Aval* e *Okke* ou *Oki*. Analysando cada um d'estes deuses

se vê não só o character ethnico dos Iberos, como o estado da sua religião partindo já para um syncretismo. *Anna*, é o deus principal dos Accadicos, o senhor do céu (entre o nosso povo ainda existe a locução — Pae do céu), que apparece tambem como principal na China, no *Thian* (Zu-*Anna*); entre os guaranis *Ana* tem já um character demoniaco e malfazejo. Este seria o Deus mais antigo dos Iberos, por isso que é o maior entre os turanianos. ¹ O nome de *Debel* significa ainda hoje em bohemio Deus; ² *Oke* ou *Okki* ainda entre os habitantes da Virginia e da Florida significa espirito, ³ e entre os Hurons *Okki* é a divindade suprema. Na linguagem dos Ciganos das provincias bascas conserva-se ainda a fórma *Amadabelle* para significar Deus, ⁴ ultimo vestigio da importancia primitiva de *Endovellico*. Este processo precisava fazer-se a todos os nomes das divindades ibericas conservados nas inscrições lapidares; e poder-se-iam classificar na seguinte hierarchia: primeiramente os deuses ou *Espiritos simples*, como *Oke*, *Al*, *Aval*, *Dovel*, *Dogoda*; depois os deuses derivados da fusão celtiberica, como *Aesuris*, *Ezzie*, e deuses derivados dos turanianos da Media, como *Manyos*, ou das colonias gregas, como *Aegieus*, *Agria*, ou do Egypto como *Ammon*, *Isis* e *Serapis*. Assim como pelos nomes d'essas divindades se deduz a successão historica das raças na peninsula, assim remontando mais fundo se demonstra o character turaniano da raça iberica. ⁵

O deus innominato é peculiar da raça turaniana. Dos Gallegos diz Strabão: «Ha quem assegura que os Gallegos não reconhecem divindade alguma. Os Celtiberos e seus visinhos, que ficam para o norte (Berones e Vasconsos) no tempo da lua cheia passam toda a noite saltando e bailando ás portas de suas casas em honra de um Deus, para o qual não tem nome proprio.» ⁶ O Chinez é n'este sentido um povo atheu, e as raças mongolicas que abraçaram o budhismo fizeram d'essa doutrina moral uma religião sem Deus.

Strabão, fallando de um templo no Cabo de Sam Vicente ou Promontorio Sacro, nega a sua existencia dizendo: «alli se vêem de pedaço em pedaço espalhadas umas pedras de tres em tres, ou de quatro em quatro, a que fazem dar balanços os que se chegam ao dito sitio, seguindo n'isto um costume proprio do paiz...

¹ Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, 4, 138, 144.

² Francisque Michel, *Pays Basque*, pag. 145, nota 2.

³ Abb. Bertrand, *Dicc. des Religions*.

⁴ Francisque Michel, *ib.*, pag. 144.

⁵ Algumas noticias sobre divindades ibericas, para maior provação do nosso processo, ajuntal-as-emos em um trabalho especial sobre *Endovellico*.

⁶ Ap. Cortés y Lopes, pag. 114.

Não ha costume de fazer sacrificio algum, nem de congregar-se de noite n'aquelle sitio, que segundo crêem os naturaes é habitado pelos deuses.»¹ Estas pedras sagradas são os Bethyles dos povos proto-semitas, e semitas; e portanto as numerosas Antas, ou Dolmens e Comleks em uma região habitada por Iberos puros devem ser consideradas como Bethylos característicos da raça turaniana; o não invocar outro deus, além das proprias pedras, é bastante significativo.

Recapitulando as nossas conclusões sobre as raças da Europa meridional antes da conquista romana, chegamos a uma uniformidade de distribuição d'essas raças na França, nas ilhas Britanicas, e nas peninsulas hispanica e italica; este trabalho de systematisação só se tornou possível quando se provou a entrada na Europa de uma raça uralo-altaica pelo norte, ou *sabmeana*, e a entrada de outro ramo da mesma raça pelo sul ou *iberica*, sendo a primeira repellida pelas invasões das tribus que vieram a constituir os germanos e scandinavos, e a segunda fusionada pela entrada e occupação dos Celtas. Os dados ethnicos fornecidos por Cesar, Pomponio Mella e Ammiano Marcellino para as Gallias, por Tacito e Avieno para as *ilhas Britanicas*, e por Staphano de Byzancio para a *Hespanha*, são conformes n'essa distribuição; começemos pela península hispanica ante-romana. Occuparam-na, 1.º os *Iberos* (Bascos), elemento turaniano, tendo atravessado a Africa, e diffundidos pelo sul da França e Italia, principalmente na Aquitania; 2.º os *Celtas-Lygios*, elemento árico entrando na península pelo norte, e pela longa cohabitação fusionando-se no Celtibero; 3.º os *Gallaecos*, outro elemento turaniano, propriamente o gaulez, descendo do norte da Europa, e não passando do norte da Península.

Para a França temos o mesmo quadro ethnico: 1.º os *Aquitânios*, que se estendem pelas ilhas do Mediterraneo e pela Italia; 2.º os *Celtas*, ramo árico, do qual hoje se separam os gaulezes e os kimricos; 3.º os *Gaulezes*, o mesmo que os Gaëls, Wallons, Welches, Belgas, Cimbros, turanianos descendo do norte da Europa, sendo um ramo das montanhas e outro das bordas do mar. É o que se mistura no norte com as raças germanicas.

Nas ilhas Britanicas, temos: 1.º os *Siluros*, que Tacito já comparava aos Iberos; 2.º os *Caledonios*, ou *celtas* insulares; 3.º os *Bretãos*, ou o elemento turaniano do norte.

Na Italia, a successão é a mesma: 1.º os *Venetes*, elemento turaniano correspondendo aos aquitanios; 2.º os *Umbrios* (Amhra, os valentes) considerados por Freret e por Amadeu Thierry, como

¹ Ap. Cortés y Lopus, pag. 72.

celtas que transpuzeram os Alpes, fixando-se em quasi toda a parte septentrional da Italia; 3.º os *Boios*, elemento turaniano, entrada do norte, ou kimeriano, formando a Gallia cisalpina.

Este prospecto ethnographico, tão necessario para estabelecer luz nas noticias desconexas dos geographos e historiadores antigos, explica-nos como para o Romano foi facil estabelecer a unidade politica no Occidente da Europa, ao mesmo tempo como é que nas invasões germanicas essas hordas barbaras facilmente se romanisaram, e ainda mais particularmente como é que os phenomenos sociaes das Nacionalidades modernas foram os mesmos na França, na Italia, na Hespanha e em Portugal, isto é, lucta das classes servas, formação do feudalismo, criação do terceiro estado, monarchia hereditaria, e espirito democratico proclamando a soberania da nação. Nos phenomenos litterarios as concordancias são ainda muito mais palpaveis, quer se considere a formação dos dialectos romanicos, quer a propagação dos cantos tradicionaes, ou já a tendenciã para a unificação do direito civil, primeira base da federação do occidente.

THEOPHILO BRAGA.

DO METHODO A SEGUIR

NA APPLICAÇÃO DO REALISMO Á ARTE

(Conclusão)

O romance moderno, sendo a synthese de uma experimentação no mundo moral, para se mover com segurança no microcosmo complicado das paixões humanas, deve guiar-se pelo facho da moderna physiologia, que tanto tem esclarecido os phenomenos da actividade mental e emotiva.

Mediante este processo, quando nas creações artisticas a debilidade dos caracteres se fizer sentir, ha de ter necessariamente por antecedente a debilidade do talento do auctor.

Não ignoramos que basta muitas vezes um grito d'alma para revelar um caracter: é este o cunho capital e característico das creações monumentaes de Shakespeare. Em um rapto de audaz e profunda intuição penetra profundamente na alma dos personagens; mas estes arrosos servem mais para se medir a pujança do genio creador, que se revela em todas as formulas, do que para aquilatar as excellencias do methodo.

Em contraposição tambem muitas vezes um traço exterior, um impulso irresistivel dos sentidos, define um caracter.

E ainda quando o artista entra bruscamente no intimo dos personagens, estas revelações instantaneas de um caracter não deixam de ser precedidas mais ou menos de manifestações exteriores que nos preparam para as subitas irradiações da alma.

Julietta, ao avistar-se com Romeo, revela logo uma d'estas impressões profundas que são precursoras das paixões irremissiveis,

fataes e assoladoras. Mas não teve este lance precedentes de ordem objectiva, que nos predispõem á comprehensão de tão irremediavel impulso n'aquella natureza amantissima, delicada, impressionavel ?

E antes de concluirmos detenhamo-nos em fixar o que é a arte sob o nosso ponto de vista. D'essa definição irradiará luz sobre o ponto controvertido.

Quando subordinamos a arte á observação exacta da natureza, não a queremos reduzida ás estreitezas da imitação servil ; mas desvendamos-lhe, com Gustavo Planché, os vastos horisontes da interpretação. Sómente em precisar o que seja interpretação, a formula realista diverge essencial e profundamente do idealismo, e é n'esta divergencia que se accentua a differença que separa mais salientemente as duas formulas.

O realismo, pela interrogação exacta e paciente da natureza, formula os seus ideaes apossando-se do que é mais predominante e está latente muitas vezes na mesma natureza ; em quanto que o idealismo, ultrapassando estes justos limites, afasta-se logo da verdade natural para se lançar nas abstracções. Estonteado na preocupação de pesquisar o bello fóra da realidade, tentou corrigir a natureza na sua obra e ensinar-lhe como melhor deveria ter feito.

Contra esta insensata pretensão insurge-se o realismo. A arte inspira-se nas lições da natureza, mas contenta-se em dar evidencia e relevo ao que, apesar de profundamente característico, passa desapercévido do maior numero.

São ainda as consequências dos erros da metaphysica : é ainda a philosophia, que tem por lemma a expressão mais completa do orgulho humano, — o homem é a medida do universo — estendendo a sua influencia ao campo da arte. Justamente d'esta louca aspiração a produzir melhor que a natureza nasceram todas as phantasias, que desfiguraram a verdade e desfecharam na febre e na nevrose, na descoordenação, em summa, do cerebro humano, a qual desencadeou sobre o campo litterario um sabbá infrene de visionarios e allucinados.

A obra de arte é a expressão harmoniosa da natureza no que ella tem de mais característico e predominante ; é um *consensus* do que está esparso e é capital, condensado pela observação e concretisado pelo poder creador da imaginação. É com estes elementos colhidos em flagrante realidade que se formula a synthese de um ideal, que não é o vago e o incognoscivel, mas uma aspiração sensata para o bello ou para um estado melhor de cousas. É uma evolução de progresso e perfectibilidade que se opéra dentro das forças da própria natureza.

Tambem o realismo é accusado de não ter ideal. Não o teria, se se entendesse por ideal alguma cousa de mysterioso e devotamente encerrado em sacrario invisivel, uma exaltação sentimental que nos transporta a um mundo phantasiado, onde tudo é vaporoso, ceruleo, intangivel. Mas se ideal é a idéa concebida pelo artista em communhão com a natureza, fielmente observada e assimilada no que tem de mais essencial e relevante, seguramente esse ideal que, na expressão de Taine, nos conduz não a uma ode, mas a uma lei, realisa-o plenamente a formula realista.

A arte, invertendo no concreto o que é universal e predominante, incarna em uma fôrma esthetica o resultado de uma observação fiel. Não se aspira a corrigir a natureza e a ensinar-lhe o que não soube fazer melhor; mas pôde dar um desenvolvimento da mesma natureza pela antecipação do que virá a fazer. É a sua evolução latente manifestada pela obra d'arte.

Aquella falsa noção do ideal restringe e acanha o campo da arte. A arte é a expressão da vida, e a vida não é só a luz inebriante e gloriosa, o ether immaculado, ceruleo, onde se desatam as mais bellas efflorescencias; é tambem a sombria humidade das terras fundas, onde rasteja um mundo obscuro e lobrego de vegetações leprosas. Não é só Miguel Angelo e Raphael, no limpido e glorioso céu da Italia, com as suas serenidades olympicas, com as suas audacias magestosas, com as suas purezas sublimes, é tambem Rubens e Rembrandt com o céu penumbroso da Flandres, com todas as deformidades, todos os contrastes, todos os conflictos e todas as exuberancias monstruosas da vida. A differença é que, na primeira concepção, a arte manifesta-se pelo desenvolvimento e pela apotheose do que é bello e grande e na segunda pela reprovação do que é mau, vicioso e baixo.

A arte interroga a natureza no que tem de mais importante e dominador, e n'este ponto de vista biparte-se em dous aspectos, como a agulha magnetica que indica os dous polos, quer o desenvolvimento da natureza se opere pela contemplação do que é bom, nobre e puro, quer se consiga o mesmo fim pela repugnancia inspirada pelo que é torpe, defeituoso e malefico.

Shakespeare e Balzac, os dous grandes conhecedores da alma humana que mais fundo revolveram o mar tenebroso das paixões, elevaram a arte ao apogeu da força gigantea, principalmente pela pintura do que é repellente e monstruoso.

E n'uma época, em que o cerebro humano se descoordena na tensão febricitante de todos os appetites, de todas as ambições cupidas e infrenes, no meio d'esta existencia complexa, nervosa e agitada, a arte tem de ser fatalmente um sangrento realismo.

Estamos, pois, muito distantes da cópia servilmente exacta, do

mero artificio, que nos pôde dar uma idéa lisonjeira da habilidade do auctor, mas sem as emoções profundas de uma verdadeira criação, em que a vida palpita no livre conflicto das paixões.

A descripção commovente de um spectaculo grandioso, obra do homem ou producto da natureza, revela-nos o quadro muitas vezes sob aspecto, que não tinhamos suspeitado, ao contemplal-o e surprehendemo-nos de vêr depois, com os olhos da consciencia, através do crystal da observação artistica, o que não tinhamos enxergado com os olhos do corpo.

É que a obra d'arte veio despertar impressões que jaziam dormentes e inertes na actividade inconsciente. Foi esse estímulo que deu o impulso dynamico ás energias do espirito, avocando á consciencia o que permanecia inactivo.

E se n'este processo de investigação para alcançar a verdade, os principaes utensilios são a observação e a analyse, evidentemente as manifestações de ordem objectiva são as primeiras que se offerecem ao observador e constituem o fio conductor mais seguro para nos internarmos no labyrintho dos phenomenos internos.

Mas quer se dê a preeminencia a um ou a outro methodo, quer se arrazem as barreiras que extremam a physiologia da psychologia, fundando-se uma unica sciencia pela alliança dos dous methodos, o fim da arte só pela simultanea observação objectiva e subjectiva pôde ser plenamente alcançado.

É a concepção de Kant, que viu em cada uma das nossas crenças um duplo aspecto, subjectivo e objectivo, correspondendo a um estado activo e a um estado passivo do espirito.

E, na opinião de Comte, o verdadeiro alcance d'esta concepção consiste em applicar aos phenomenos intellectuaes o principio fundamental da biologia, que estabelece a correspondencia do organismo e do meio.

Os caracteres são o producto dos antecedentes hereditarios e do temperamento nas suas relações com o meio educador, e o romance moderno, que é uma verdadeira continuação da psychologia experimental, ha de necessariamente seguir esta orientação, observando o homem nas relações do fôro interno com o meio ambiente.

D'esta hodierna concepção, é ponto de fé para nós, ha de brotar a torrente de vida nova, que renovará a arte gasta e dessorada pela rotina e pela convenção.

JULIO LOURENÇO PINTO.

A QUESTÃO DO ZAIRE

(Continuação)

Em 19 de fevereiro de 1810 assignava-se no Rio de Janeiro um tratado entre Portugal e a Gran-Bretanha, estabelecendo uma acção commum e reciproca dos dous paizes para a abolição do trafico negro.

A campanha contra este, havia muito que começára, e longe de ser dos ultimos a entrar n'ella iamos-lhe na vanguarda despedindo golpes vigorosos e certos no odioso commercio.

Já em 1761 lhe fechamos os mercados da metropole, e o mesmo fizemos em relação á Madeira e aos Açores em 1771 e 1773.

Pelo tratado de 1810 ficava defeso o trafico aos subditos portuguezes «sobre qualquer ponto da costa africana não pertencente *effectivamente* a Portugal», reservando-se-lhes porém o direito de o fazer «nos dominios africanos da Corôa portugueza».

Estas phrases que são a versão exacta e litteral do texto inglez, teem uma importancia muito particular para a apreciação rigorosa e justa da questão pendente.

Como estava ainda na memoria de todos o caso de Cabinda que poderia considerar-se uma especie de contestação incidental do nosso direito exclusivo de soberania territorial ao norte do Zaire, e como, além de tudo, pela convenção de Madrid a que nos referimos, concederamos á França e ás outras nações a liberdade do trafico até ao Zaire, entenderam naturalmente os negociadores do tratado que convinha accentuar n'elle a circumstancia de que aquella parte da costa, vulgarmente conhecida entre nós pelos nomes de Molembo e Cabinda, se havia de reputar, para os effeitos do texto accordado, como incluída «nos dominios da Corôa de Portugal».

Nós tínhamos um tratado com a França pelo qual lhe concediamos que fizesse o trafico n'essa costa, e esse tratado não podia ser revogado pelo de 1810, negociado com outra potencia.

Claramente, não havíamos de prohibir aos nossos o que concedíamos aos estranhos.

Por outro lado, parecera que assim succedia desde que aos portuguezes era só permittido o trafico nos pontos *effectivamente* possuidos ou occupados, e nós não occupavamos então *effectivamente* Molembo e Cabinda sobre cujos territorios só conservavamos direitos.

Convinha resalvar estes, ou explicar a extensão da clausula estabelecida.

Pelo menos, assim o comprehendeu a diplomacia.

D'ahi, a declaração expressa de que essa clausula não seria considerada « como affectando ou invalidando de qualquer maneira — IN ANY WAY, — os direitos da Corôa portugueza áquelles territorios »: — *the rights of the crown of Portugal to the territories of Cabinda and Molembo*, — que a França parecera contestar pelo acto brutal de Marigny.

Fez-se mesmo allusão a esta circumstancia, como que para definir melhor as razões da declaração expressa, clara e terminante.

Vamos vêr como d'este proceder e d'esta phrase leal dos negociadores de 1810 se derivaram todos os equívocos e todas as objecções que teem constituído a nossa questão com a Inglaterra e que tem sido longamente explorada pelos traficantes e pelos intrigantes desalmados a quem não convém o estabelecimento d'um regimen regular de policia e de civilisação no Zaire.

Note-se que o tratado de 1810 não falla d'este rio; não se duvidava, não se suppunha até que pudesse haver a menor duvida de que o Zaire era um rio portuguez ou de que o Congo fosse « um dominio da Corôa de Portugal ».

Fallava-se tão sómente da costa ao norte, ou de Molembo e Cabinda, territorio que vem morrer na margem direita do Zaire.

Em 22 de janeiro de 1815 Portugal e a Inglaterra assignam um novo convenio em Vienna, destinado a fixar o sentido e a applicação litteral do tratado de 1810.

N'esse convenio estabelece-se que nenhum embarço soffrerão os navios portuguezes que fizerem o trafico ao sul do equador, quer nos dominios *effectivos* de Portugal, quer nos territorios que são reclamados no referido tratado como pertencendo á Corôa portugueza.

A expressão já não é tão rigorosa e clara como a simples declaração de 1810.

N'esta não se reclamam direitos: — affirmam-se.

Mas a locução *are claimed*, de 1815, que traduzimos por: — « são reclamados » — é sufficientemente significativa.

É uma indicação formal d'um direito subsistente: — *of any thing as due*.

Além de que, a Inglaterra longe de pôr objecção ou reserva a essa asseveração dos nossos direitos, tanto reconhece estes e aceita, como boa e exacta, aquella, que exactamente concorda na sua consequencia immediata, que é a inclusão dos territorios alludidos no regimen de excepção estabelecido para os mais dominios portuguezes.

A diplomacia não fóra d'esta vez tão feliz e rigorosa na redacção do texto, mas não commettera ainda os erros e confusões deploraveis em que não tardou a resvalar.

Um terceiro tratado, feito em 28 de julho de 1817 propoz-se a fixar mathematicamente, com uma grande precisão geographica, os limites fixados áquelle regimen de excepção, declarando que os territorios em que os sñditos portuguezes continuariam a ter a liberdade do trafico, incontestavelmente pela unica razão indicada nos tratados de 1810 e 1815, de pertencerem esses territorios á Corôa portugueza, eram:

1.º Todos os *effectivamente possuidos* por essa Corôa entre o 18.º e o 8.º lat. S.

2.º Aquelles sobre os quaes Portugal declarára que reservava os seus direitos, chamados Molembo e Cabinda, desde o 5.º 12', ao paralelo 8.º S.

Nada mais desastroso do que esta determinação pretenciosamente definitiva, geographica, precisa, dos diplomatas de 1817.

Em primeiro logar, com tanta cautela e conhecimento das cousas foi feita essa determinação fundamental que se lançaram na *costa oriental* os territorios de Molembo e Cabinda!

E o que é mais curioso é que só dous annos depois foi esse absurdo, sob a modesta qualificação de um « erro verbal » — *a verbal mistake*, — corrigido por uma nova convenção diplomatica ou declaração adicional em 30 de abril de 1819!

Se porém eram inoffensivas as consequencias praticas do extraordinario erro, não acontecia, — e não aconteceu — o mesmo, a outro, qual foi o da fixação dos parallelos geographicos que se deram como limites dos territorios referidos.

Ao norte a nossa dominação e o nosso direito, que devia ir até ao Cabo de Lopo Gonçalves, pelo menos, em 0.º 36' 10 lat. S. — o capô *Lopez*, das cartas inglezas, — que no seculo xvii ficára sendo o extremo, d'aquelle lado, do nosso dominio d'Angola e Congo, retrahiu-se até o Chiloango ou até o paralelo 5.º 12'.

Perdemos 5 graus de costa onde chegáramos a ter uma explo-

ração commercial importante, — a primeira exploração culta que alli se exercera, e perdemos-o sem o menor proveito para nenhuma outra nação europeia. Mas emfim d'esse lado havia ainda a desculpa de que os tratados anteriores fixavam já a costa de Molembo como nosso dominio extremo. Mas esses tratados fallavam só de Molembo e Cabinda; — este ultimo territorio termina no Zaire, na embocadura d'este rio, na ponta do Diabo, — a *Red Point* das cartas inglezas, em 5.º 44' S. ou quando muito na ponta Banana, em 6.º 2', e a malfadada convenção de 1817, arbitrariamente, erradamente, levava esse limite até ao 8.º, além mesmo do Ambriz, para o S., alargando assim a área dos territorios sobre os quaes reservamos direitos, ou, o que é o mesmo, cerceando aquelles que eram positivamente considerados dominios *effectivos* da Corôa portugueza, e cerceando-lhes nem mais nem menos do que toda a região que demora entre o paralelo 8.º e a margem direita do Zaire, incluindo o rio!

Se este erro se não tivesse commettido é dado suppôr que nunca se teria levantado a famosa questão chamada do Zaire.

Os direitos reservados continuariam a abranger apenas os territorios de Molembo e Cabinda.

Para o S. incluído o rio, haveria sómente o dominio *effectivo* claramente affirmado e nunca posto em duvida, de Portugal, á face dos tratados de 1810 e de 1815 e perfeitamente d'accordo com a convenção de Madrid de 1786. Bem mais habilmente redigida foi esta convenção.

Comtudo só em 1846 aquelle desastrado tratado de 1817 produziu as suas consequencias.

N'esse anno, e a proposito da apprehensão e do julgamento regular de um navio negreiro do Brazil, ao norte do Ambriz, pelas autoridades portuguezas, o representante inglez em Lisboa observava ao nosso governo que o seu apenas reconhecia a soberania portugueza do paralelo 8.º para o Sul, segundo o texto do tratado de 1817, começando d'alli para o Norte a região sobre a qual Portugal reservára direitos que a Inglaterra não reconhecera, na opinião do diplomata inglez.

Positivamente, essa opinião quando sincera, era especiosa e errada.

Tanto a Inglaterra reconhecera taes direitos, ou o que é mais exacto, não duvidára d'elles, que longe de contestar as declarações dos tres tratados citados, as aceitára constantemente como base do regimen por esses diplomas estabelecido.

Mas não é menos certo que se o tratado de 1817 não tivesse tido a graciosa velleidade de determinar no paralelo 8.º o limite sul de Cabinda, é provavel que o ministro inglez soubesse que este

territorio não ia tanto além e que por isso não achasse fundamento para a sua reclamação, em todo o caso inopportuna.

Mas porque a fizera elle?

Porque, segundo francamente confessa, a Inglaterra, não podia deixar de manter no interesse do seu commercio uma livre comunicação com a parte da costa ao norte do paralelo 8.º considerado como limite extremo, d'esse lado, do nosso dominio effectivo pelo tratado de 1817.

Ora é certo que essa liberdade de comunicação e do trafico correspondente, a estabelecemos ou a *concederamos* nós proprios, a todas as nações na convenção com a França, em 1786, mas de Cabinda para o S. incluindo o Zaire e dentro d'elle, essa convenção expressamente declarára que a não consentiamos a nação alguma, seguindo os principios da época. Isto pudemos ter respondido, acrescentando que o territorio de Cabinda morria no Zaire e não ia até o paralelo 8.º Infelizmente porém o tratado de 1817 disse-ra positivamente que sim, que esse territorio ia até áquelle paralelo, e por isso o diplomata inglez tinha uma tal ou qual apparencia de direito querendo evitar que d'esse paralelo para o norte estabelecessemos quaesquer restricções á livre comunicação estrangeira. Não eram exactamente os nossos direitos que elle pretendia atacar.

Eram os interesses inglezes que elle procurava defender, prevenindo a possibilidade do estabelecimento de qualquer acção fiscal, tributaria ou mesmo impeditiva n'aquella parte da costa.

(Continúa).

LUCIANO CORDEIRO.

PHILOSOPHIA TECHNOLOGICA

Desde que Comte subordinou as sciencias uma ás outras e d'ellas tirou os principios geraes com que formou uma synthese objectiva tão perfeita quanto o permittiam os conhecimentos do seu tempo, e que encerra os elementos para outra futura ou subjectiva, o homem sente, que para se elevar precisa não só ser simples experimentador e accumulador de factos, mas tambem deductivo, e aquelle que não entrar n'este caminho perde-se e esterilisa-se. Lá fóra ainda vemos homens simplesmente experimentadores, grandes genios, faltando-lhes mais ou menos uma philosophia, mas como chegam a ser profundos sabios, chegam tambem a ser melhores ou peores philosophos, como Claude Bernard, o grande physiologista, que chegou a conclusões admiraveis; entre nós porém onde a criança perde o senso commum por defeito de educação e instrucção, e onde o homem, que adquire um certo numero de conhecimentos não tem os elementos necessarios para empregar a sua actividade, achando-se sem disciplina, annullam-se.

O homem de sciencias é como o pequeno crystal, que introduzido n'um liquido com certas condições physicas e chemicas dá a este liquido um movimento, originando a sua transformação em crystaes, que se grupam em roda do primeiro. É d'este homem que carecemos; é preciso, que appareça, que seja como o centro regulador de todas as actividades. Não póde ser, embora distincto, um simples observador nem mesmo um experimentador, porque a falta de meios, como bons laboratorios e museus, que entre nós se

nota, não os deixa formarem-se, e faltando-lhes o estímulo, por uma serie de difficuldades que não estão preparados para vencer, estacionam e formam então o nosso pequenino sabio — simples e incompletissimo dictionario, do que se lá sabe fóra — ficam meio materialistas nos ramos que estudaram, meio theologos nos que nunca souberam, ou então são espiritos indisciplinados, ás vezes pedantes quando não são immoraes, e é d'esta massa, que se formam os professores, juizes, advogados, estadistas, jornalistas, etc.

O espirito tem necessidade de uma philosophia; é esta necessidade que origina a theologia falsa e hoje perturbadora, a metaphysica synthese confusa, e finalmente a synthese positiva, a unica verdadeira, porque se formou e aperfeiçoará pela sciencia, e a unica que ha de fazer a nossa reorganisação, porque então o homem methodisado, recebendo os factos verificados e livre da acção official póde tentar a sua applicação. É o que se está dando.

O movimento de alguma importancia que presentemente se passa na nossa sociedade, tem por uma das principaes causas a introdução em Portugal d'esta philosophia, e é no grupo dos seus propagadores, que encontramos a elite dos nossos artistas e homens de sciencia, e é aqui tambem, que vamos encontrar o homem, que pelo seu profundo saber adquire o poder moral de incitar e dirigir o novo progresso; quem conhecer os seus trabalhos verá, que é, além de um grande philosopho um sociologista: facto este, que prova, o que atrás dissemos, porque na sociologia só se emprega a observação, mas é onde ella precisa estar o mais rigorosamente disciplinada pelo methodo historico para as deducções não serem erroneas.

Está dada a direcção, como lá fóra nas artes e na sciencia, mas faz-se sentir ainda a sua falta na technologia ou theoria das artes industriaes, porque o desenvolvimento industrial é relativamente recente. A actividade dos primeiros povos foi mais philosophica, que industrial. A sua primeira philosophia foi o fetichismo, acompanhada de uma arte mais que nunca relacionada com o mundo physico, e um desenvolvimento industrial nomada. O homem pela sua organisação carnivora, pela necessidade de se defender e sustentar apparece-nos caçador, habito que foi moderando e deixando para com certos animaes, para os quaes se tornou protector, logo que conheceu que d'elles poderia tirar utilidade. Fez-se então pastor, abandonou mais os bosques para melhor se defender a si e aos animaes; e para se esquivar á insalubridade, abandonou os sitios baixos e foi occupar as montanhas, onde apascentava os rebanhos. Ahi, como mostrou Jourdanet, a pressão atmospherica facilitando a circulação, activa-se a vida, auxiliando o começo do

trabalho, a que o homem se viu obrigado, principalmente o mais fraco pela impossibilidade de ir buscar ás florestas os alimentos vegetaes com que se aqueceria e engordaria, calor e gordura tão necessarios n'uma época em que vivia nú, e que com difficuldade achava nos seus rebanhos, que lhe davam principalmente as substancias azotadas. Estas substancias são pela sua composição muito instaveis, porque se transformam rapidamente pela acção das forças incidentes nas suas innumeraveis isomerias, propagando-se este movimento ás substancias carbonadas muito mais estaveis, que se decompõem em outros corpos, decomposição esta acompanhada de calor. Ha um exemplo, que todos conhecem — a fermentação alcoolica originada por um fermento, substancia azotada, que desdobra o assucar principalmente em acido carbonico, alcool e glicyrrina. O mesmo tem logar nos organismos, onde os azotados representam o papel do *micoderma vini*, isto é, são alimentos de função, mas servindo principalmente para a constituição dos tecidos; os hydrocarbonados representam o do assucar, são alimentos para a função e formação da gordura, porque como vimos, no caso da fermentação apparece a glicyrrina, e Berthelot mostrou que os corpos gordos eram compostos d'aquelle principio e acidos gordos. Estes hydrocarbonados encontrava-os o homem nos animaes, mas diz Liebig « quinze libras de carne não teem mais carbone que quatro libras de amido, e emquanto o selvagem com um só animal e com peso igual de amido poderia conservar a vida e a saude durante um certo numero de dias, seria forçado, não vivendo senão de carne, a consummir cinco animaes para ter o cabone necessario para a respiração durante o mesmo tempo. » Por outro lado os terrenos altos prestavam-se á cultura, porque havia a ausencia de grandes florestas, que só seriam mais tarde destruidas com o desenvolvimento industrial, e o terreno formado pela decomposição dos granitos originada pela acção combinada do acido carbonico, agua e vegetaes que os carcomiam eram facilmente preparados com simples instrumentos. Até aqui o homem, sentindo todo o rigor das leis naturaes, não tinha a observação rigorosa para os descobrir, foi-lhes apenas conhecendo certas propriedades como ainda hoje o cão as conhece, o qual instinctivamente sabe, que a pedra tende a caminhar em linha recta e por isso d'ella se desvia. Incapaz de ligar ou relacionar as idéas dotava os corpos com movimentos e para elle tudo eram fetiches, que adorava ou esconjurava. Passando ao estado agricola a actividade cerebral foi-se desenvolvendo, elevando-se da simples adoração dos séres para a contemplação dos astros, primeiro passo que o homem havia de dar para o polytheismo e onde estava o germen da astrolatria, que o havia de levar á astronomia. Os dous instinctos individual e da especie insti-

gavam-o ao trabalho, ao mesmo tempo, que a população se espalhava por melhores terrenos e então produzindo mais do que carecia, dividiu a sua actividade, originando-se a *troca*, facto este que entre outros havia de levar os diversos povos a relacionarem-se, porque se a agricultura é o primeiro ramo industrial, por onde havia de começar o progresso o seu demorado empirismo pela dependencia, em que está de elevados conhecimentos scientificos, faz estacionar a actividade especulativa dos povos, que a ella se entregam. Este estado desenvolveu o amor da patria, pela dependencia em que o homem se achava do bocado que cultivava onde tinha incorporado todo o seu capital, todo o seu trabalho, o de sua familia e o de alguns dos seus antepassados. Outros povos, que estando ainda no estado nomada foram attrahidos pelo bem estar e riqueza relativa, encontraram-se com os sedentarios agricolas e começaram as guerras, que marcam um segundo periodo na progressão da humanidade. Estes povos mais atrasados confundem-se e recebem os conhecimentos dos agricolas, os quaes foram obrigados a sustentarem uma continua guerra, actividade esta, que os fez abandonar o socego dos campos, para onde mandaram os escravos prisioneiros na mesma guerra. Tornaram-se polytheistas, philosophia esta, que ajudando pouco a sciencia, que começava a desabrochar, elevou comtudo a arte para o dominio da moral; dos tres ramos da actividade humana é o que mais caracteriza esta época.

Taes são rapidamente esboçadas as duas primeiras phases da progressão negativa representadas na historia, a primeira pelo Egypto como povos agricolas e pelos semitas como agricolas e cosmopolitas que pelas condições naturaes dos seus paizes, estabelecendo a troca entre si a desenvolveram até chegarem ao commercio não só terrestre mas maritimo; como foram os phenicios, que espalharam a civilisação do Egypto até serem supplantados primeiro pelos gregos e depois pelos romanos em Carthago; como foram os judeus, continuando o trabalho dos phenicios e cuja nacionalidade foi destruida pelos romanos, e como ainda os arabes, que propagaram e desenvolveram os conhecimentos scientificos, que encontraram em Alexandria. Entre os povos guerreiros apresentam-se os romanos, que foram os que mais desenvolveram esta arte, que tanto tempo sustentaram contra os povos do norte, até serem por elles subjugados, povos, que seriam mais tarde vencidos pelos arabes.

D'aqui em diante todo o movimento scientifico, artistico e industrial é continuado pela raça árica e primeiramente pelos povos novo-latinos, os quaes tendo recebido todos os conhecimentos dos romanos e depois dos arabes, como a mathematica, a astronomia, o commercio e a industria, e que pelo contacto e cruzamentos,

que tinham tido com estes povos, perpetua a tradição, desenvolveram a poesia e passaram ao monotheismo e á monogamia.

A divisão das occupações transmittindo-se de familia em familia havia originado a differenciação das castas, e os guerreiros foram encarregados da defeza das villas, porque então a guerra de offensiva se tornou em defensiva, primeiro contra os povos do norte e depois contra os musulmanos, guerra que a igreja, depois de contidos em respeito aquelles dous elementos, tentou acabar com as suas tendencias em apaziguar os paizes catholicos. Os escravos, que até aqui tinham visto por falta de desenvolvimento da industria mechanica vagarosamente caminhar a sua libertação, que havia começado no tempo dos romanos pela passagem d'este genero de trafico de externo para interno, o que levou estes desgraçados a confundirem-se cada vez mais com as familias a que pertenciam, acabaram n'esta época de se libertar, passando a servos, — progressão esta que os havia de instigar ao trabalho. O monotheismo, separando o poder em temporal e espirital, e entregando-se ao segundo absorveu as intelligencias mais elevadas, que espalharam a moral tanto pelos senhores como pelo servos, melhorando assim a condição dos ultimos, e os seus sacerdotes fechando-se nos conventos deram á sciencia o grande desenvolvimento, que caracteriza esta época. O seu estado de celibatarios fazendo-os estabelecer a eleição acabaram com a preponderancia da descendencia para elevar e recompensar a intelligencia, o que deu um grande golpe nos senhores feudaes, os quaes accumulando os bens, tornavam ainda a classe dos servos bem desgraçada. Mas o solo como todos os agentes naturaes é gratuito, e o seu valor está no trabalho empregado a melthoral-o; e como o trabalho vale absolutamente mais quanto é mais perfeito e como essa perfeição relativamente o diminue, o servo por esta lei chegou a formar um capital e passou a rendeiro, passo até ajudado pela corrupção dos senhores feudaes, que passaram a corteções formando essa fidalguia, que está annullada e quasi extincta.

Aqui começa o verdadeiro movimento technologico mais fabril que agricola, que então começou a caminhar muito mais lentamente. As sciencias mathematicas e physicas tinham chegado a um desenvolvimento, que já facilitava o emprego dos seus principios na industria, originando essas tres monumentaes descobertas: da bussola, que desenvolveu a navegação, que abriu e offereceu ao commercio o caminho para mundos e mares desconhecidos; das armas de fogo, que, destruindo a supremacia do forte sobre o fraco, acabou com a classe privilegiada dos guerreiros, e a da imprensa cujos effeitos todos sentem. O monotheismo, que havia elevado o nível moral, derramando todos os conhecimentos, de que era capaz, que havia ajudado a destruir o feudalismo, começou a querer im-

pôr-se e os papas sonhavam com a unificação do poder temporal e espiritual para os terem debaixo da sua mão. O movimento scientifico abandonaram-no, e dividindo a philosophia em natural e moral, tomaram elles a segunda a seu cargo e sentindo a sua fraqueza começaram a usar da força com a inquisição, e de manha com os jesuitas, os quaes destruidos acabaram com a preponderancia do catholicismo, que um novo poder, a monarchia, ajudou a derrubar. A philosophia natural continuou a ser cultivada pelos metaphysicos e legistas, que representam actualmente o papel predominante em todos os ramos da actividade official, e a monarchia, sentindo a sua fraqueza apoiou-se nos seus ministros sahidos d'aquellas seitas e começou a rodear-se de fidalgos burguezes. O burguez era o antigo rendeiro, que havia abandonado o campo. O solo como uma accumulção de trabalho é um capital, que não se distingue de qualquer outro, e por isso a renda é o seu producto cuja parte do capitalista tende sempre, ainda que augmentado em absoluto, a diminuir relativamente, em quanto a parte do rendeiro, que tem à disposição o capital e que com seu trabalho se aproveita dos agentes naturaes, augmenta em proporção e em quantidade absoluta. Foi esta lei, que fez o burguez, seu producto estatico.

Se a liberdade individual e collectiva começou no campo, hoje com a supremacia de industrias, como as geometricas, mechanicas e physicas, passou a dar-se nas cidades, onde se dá a lucta entre o burguez e o operario, querendo o primeiro espoliar o segundo, originando isto as lamentações sentimentaes e metaphysicas dos economistas socialistas. O operario ha de caminhar para o seu bem estar, porque a lei que elevou o burguez ha de melhorar a condição d'aquelle. A lucta e a exploração, que o burguez lhe faz, só atraza o progresso de ambos e da collectividade, de que fazem parte.

Mas a perfeição a que chegou a industria dividiu tanto o trabalho, que n'este genero de actividade está-se dando o que se viu nas sciencias; ha uma confusão na quantidade de principios applicaveis, faz-se aqui já sentir a liberdade individual no facto da invenção, ainda sem direcção, levando ao absoluto, dando logar a questões em que se desvia e perde actividade e que são originadas pelo mau resultado que dão muitos principios na applicação. Este mal estar e desordem proveniente de cada um se fechar na sua especialidade faz sentir a necessidade de uma synthese. Este trabalho de philosophia technologica foi já começado por Monge, e d'elle diz Comte, no seu curso de philosophia, quando trata da geometria descriptiva «este sabio, analysando os trabalhos d'este genero executados antes d'elle, segundo uma multidão de processos incoherentes, reconheceu, que a questão era sempre reductivel a um pequeno numero de problemas abstractos invariantes susceptiveis de

serem resolvidos uma vez para sempre por operações uniformes, e que se referem essencialmente umas vezes aos contactos outras ás intercepções das superficies. É assim que as questões geometricas, ás quaes podem dar logar as diversas artes da construcção, o corte das pedras, a carpintaria, a perspectiva, a gnomonica, a fortificação, poderam ser tratadas como simples casos particulares d'uma theoria unica.

« Esta importante descoberta merece fixar a attenção dos philosophos; é um primeiro passo e até aqui o unico realmente completo para esta renovação dos trabalhos humanos que deve imprimir a todas as artes um caracter de precisão e de racionalidade tão necessario aos seus progressos futuros. Uma tal revolução devia começar por esta classe de trabalhos industriaes, que se referem á sciencia a mais simples, mais perfeita e mais antiga, não pôde deixar de se estender successivamente a todas as operações praticas. Monge, que conheceu mais perfeitamente que ninguem a philosophia das artes industriaes, ensaiava traçar para a industria mechanica uma doutrina correspondente sem outro resultado senão o de indicar a direcção que devem tomar as indagações d'esta natureza. »

A humanidade encetou agora a sua marcha do objectivo para o subjectivo, entrando no caminho da positividade, e se nos mostra uma progressão inversa do primeiro, isto é, mais industrial do que esthetico e scientifico, estes tres ramos de actividade pelo seu desenvolvimento estão mais ligados do que nunca; um melhoramento em qualquer d'elles origina um grande progresso nos outros; e se considerarmos que á industria se dedica o maior numero, ainda mais sentimos a urgencia do methodo n'estes trabalhos e então a sciencia, a esthetica e a tecnologia, até aqui unidas materialmente, sentirão moralmente a sua dependencia, e só então o homem terá a verdadeira noção do dever, sujeitando-se sem repugnancia á collectividade tambem já relativamente moral.

J. EDUARDO GOMES.

CARTAS GEOGRAPHICAS E DESCOBRIMENTO DO ZAIRE

(PROCESSOS NOVOS E DOCUMENTOS VELHOS)

Verum, verum, verum.

As recentes discussões no parlamento inglez sobre a posse e portanto descobrimento d'este rio, e as tendencias que n'ellas se manifestam de se introduzir no direito internacional a concorrência como lei, e a energia do mais forte como principio, têm feito entre nós um verdadeiro borborinho, agitando o nosso meio silencioso e acanhado, e forçando os espiritos mais ou menos dirigentes a estudal-as e a resolvel-as, procurando documentos e justificações, investigando factos historicos, vasculhando pergaminhos, revolvendo bibliothecas, varejando livrarias, com escrupulo e com profundeza.

Esta é a face diplomatica ou politica, se o quizerem, da questão, porque o lado historico tão escassamente propagado entre estranhos é entre nós conhecido.

Como porém a politica se não póde nem deve de maneira alguma separar da historia, sua base natural e legitima, á questão diplomatica do Zaire tão bem tratada aqui por um primoroso talento, não vem de maneira nenhuma fazer mal, e elle mesmo o confessou, a apresentação de velhos documentos muitissimo pouco divulgados entre nós, porque estão naturalmente na Torre do Tombo que ainda continúa a ser *tumba* para a maior parte dos nossos estudiosos.

Isto posto, bom é que digamos que n'esta rude materia em que ora entramos, são banidas as flores de rhetorica, são postas de parte as irisações gentis da poesia, afastadas as adjectivações bombasticas do louvor, desviadas as pompas apparentes do estylo in-

flado, e prohibidas as apresentações ruidosas de provas assim como descrições faustosas. Porque, se á historia na sua antiga expressão singela ou na sua phase mais moderna, mais real e mais positiva, vão mal as côres da poetisação dos factos, as tintas variadissimas do exagero d'elles e os tons cambiantes da indecisão das linhas ou da fluctuação dos caracteres, em que tanto se comprazem espiritos ingenuos, imaginações exaltadas e criticos apaixonados; tambem hoje ao tempo, que vai n'uma furiosa vertigem de progressos e descobrimentos em todos os ramos da actividade humana, applicando estrictamente á vida quotidiana de individuos e nações a celebre divisa ingleza *time is money*, absorvendo o mais descuidoso para dar lugar ao mais applicado, arruinando um inhabil para enriquecer um trabalhador, deitando abaixo um idiota para fazer subir o mais forte, não serve com certeza esse luxo inutil de decoraçào das cousas, prejudicialissimo por fazer perder minutos e perigoso por deturpar os factos.

Por isso é que entramos já no assumpto. Em materia de geographia a veracidade d'um documento e a verdade d'um descobrimento, reconhecem-se scientificamente, a primeira sobretudo, pelo valor intrinseco d'elle, pela maneira por que elle se presta a uma só interpretação e pelo reconhecimento pelos estranhos d'esta mesma interpretação e d'aquelle valor intrinseco.

Livros ou mappas, impressos ou manuscriptos, tem a mesma regra — verificar a seriedade do author, reconhecer como incontestavel a authenticidade do documento que se consulta, extrahir-lhe o facto que se quer apresentar, comparal-o com o que é conhecido da região a que se refere, depois fazer a série dos descobrimentos demonstrando-lhe a prioridade e a importancia scientifica e commercial. Em seguida apresentar os sabios estrangeiros que reconheceram essa importancia e aquella prioridade, quer attendendo ao valor das authoridades que citam, quer dando credito ás cartas, portulanos, etc. tanto nacionaes como estrangeiros copiados dos nossos. Logo, citar os escriptores de fóra que rejeitam os nossos documentos e contestam os descobrimentos nacionaes, por ignorancia, como é mais vulgar, ou por aleivosia: uns, impugnando o facto em si mesmo, outros ambicionando para a sua patria as honras de uma prioridade ou de uma posse de todo o ponto contestavel. Por fim, refutação dos principios d'estas duas classes d'escriptores, ou pela prova esmagadora d'um documento authenticico, que todos os trabalhadores conscienciosos devem reconhecer como sério; ou pela confrontação de diversas obras do mesmo author, ou de varias passagens da mesma obra, em que ora se reconhecem como authenticicos os documentos, ora se duvida d'elles pela falseaçào do facto historico ou deturpação da prova.

Como se vê, a empresa é ardua e difficil não só pela vastidão do programma, como pelo estado especial de contestação em que tem andado envolvida esta materia.

Uma das grandes difficuldades, senão a maior na critica documental, é o estudo das cartas geographicas n'uma época em que dominava o falso systema do velho Ptolomeu, inventando fórmias á Africa e prolongando exageradamente o curso do rio Nilo.

As numerosas edições das obras d'este author, publicadas desde o xv seculo ate ao meiado do xvii, propagaram as ideias do geographo d'Alexandria, que não podiam ser, ou não deviam ter sido admissiveis n'um tempo em que já havia renascimento na cartographia e na sciencia em geral, determinado pelas descobertas portuguezas na costa e pelas nossas explorações no interior.

Por isso foi que, quando a fama dos nossos descobrimentos no exterior e no interior d'África correu a Europa, combatendo senão destruindo o systema do velho geographo; quando as surprehendedentes façanhas dos nossos antepassados correram mundo, firmando os traços indecisos, vagos, do calido continente, reduzindo-o ás suas verdadeiras fórmias e exactas dimensões, foi tão grande a surpresa e tal a novidade das informações, que os escriptores de então se dividiram immediatamente em tres campos: no 1.º figuravam os que seguiam as nossas indicações com detrimento e abandono do systema ptolemaico; estavam no 2.º os que desprezavam por estranhos ou falsos os documentos portuguezes, cingindo-se totalmente aos velhos erros; faziam parte do 3.º os que julgavam verdadeiros os nossos descobrimentos, não lhe dando todavia total confiança, produzindo por isso n'uma assimilação violenta obras em que se fundiam as descobertas nossas com os defeitos da cartographia ptolemaica, dando ao Nilo demasiada extensão, e á Africa a fórma nebulosa das vagas navegações antigas.

D'isto resultou que as cartas geographicas d'aquelle tempo nem representam exactamente, pela maior parte, as informações portuguezas, nem a geographia ptolemaica, não marcando como hoje o estado exacto da sciencia n'uma dada época. São apenas grosseiros esboços, rudes ensaios d'uma arte, que ia abandonando as estreitas faxas do primitivo estado rudimentar, para se revestir mais tarde das fórmias seguras e mais caracteristicas dos Gosselin e d'Anville, que inauguraram e crearam a moderna cartographia, ainda hoje em renovação sob o pulso de Pettermann, Vivien de St. Martin, Beke, Markham, Peschel, Cora e outros, afirmando-se como sciencia com processos criticos definidos.

Para convencimento d'isto basta vêr as cartas de Marino Sanuto de 1321, d'Andréa Bianca de 1436, de Joannés Léardus de 1448, de Fra Mauro de 1457, a de 1489 d'um manuscripto do Mu-

seu Britannico, a de 1492 de Martinho de Behaim, de Juan de la Cosa de 1500, a de 1527 d'author hespanhol (Diego Ribeiro a nosso vér) publicada em Weimar, a de 1529 d'este cartographo, o Mappamundi de Ruych de 1508, o de Roselli de 1532, de Sebastião Munter de 1544, Vadianus de 1546, Mercator de 1587, 1609 e 1619 revistas por Hondius em 1628 e 1638, e outras mais que mostram quão duradoura e nociva foi a influencia de Ptolomeu.

Estas indecisões da cartographia da renascença geographica, alliadas com os fracos meios de observação d'aquelle tempo, e com a completa falta de rigor astronomico e escassez dos processos geographicos de reconhecimento de terrenos, bacias hydrographicas, altitudes, distancias, etc., fizeram com que aquelles trabalhos com a complicação do traçado e confusão de systemas, embarquem os estudiosos e perturbem os proprios geographos ainda hoje ¹.

De modo que, para bem se comprehender as cartas e mais documentos dos seculos xv, xvi e xvii que tanto se relacionam e tanto justificam e reconhecem as nossas descobertas nas costas d'Africa e as nossas explorações no interior, é preciso, repetimol-o — e nunca nos cançaremos de insistir n'este ponto importantissimo por o vermos ignorado ou esquecido por escriptores de muito merito — contar sempre com a propagação das idéas de Ptolomeu.

E demais, se nas cartas geographicas modernas, que tenham os requisitos d'um trabalho sério, se conhece á simples vista o valor scientifico d'uma exploração que tenha o itinerario traçado, não se dá isso nos mappas antigos porque não só excluiam os roteiros, como tambem não gravavam os pontos no lugar exacto, nem assentavam os nomes com a orthographia devida. D'onde resulta, que, para completa intelligencia dos descobrimentos d'aquelles tempos, é necessario identificar por comparação prévia os dados dos velhos documentos com informações posteriores, para que se possa dizer com segurança — tal ponto, tal lugar d'aquelle tempo, está aqui ou alli, a tal distancia da costa, etc.

Sem isto, dizemol-o afoutamente, é impossivel apreciar as ex-

¹ Provam-no bem além dos contemporaneos Pierre du Val, Sanson d'Abbeville, Frederico With, Buache e outros do xviii seculo. Quanto ás cartas póde o leitor curioso vér o Atlas do benemerito visconde de Santarem, de que ha exemplares na Bibliotheca Publica e na Sociedade de Geographia, e mais a magnifica, mas INCATALOGADA colleção de cartas e atlas da Bibliotheca de S. Francisco, e outros mappas dispersos e atlas das bibliothecas da Academia Real das Sciencias e da Escola Naval; assim como um bello *Portugalensium Orbis typus terrarum* muito perfeito para a época e muito mais exacto para a costa do que as de Behaim e Juan de la Cosa, de que ha um exemplar no *Atlas du Moyen Age* de 1850 de Joachim Lelewel, que está no Curso Superior de Lettras.

plorações antigas, de qualquer maneira que se proceda, quando se pretenda, é claro, fazer obra de sciencia e dignidade.

N'este intuito historiaremos rapidamente como se descobriu o rio Zaire, apresentando alguns documentos ineditos e mal conhecidos, senão totalmente ignorados, applicando depois o processo que acabamos de apresentar á reconstrução pelos mappas da historia do descobrimento, collaborando assim para a divulgação d'elle sob um aspecto novo.

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.

BIBLIOGRAPHIA

Vibrações do Seculo : I. *Sons do universo*. II. *Aureolas luminosas*. III. *Gritos da Epocha*, — por Teixeira Bastos. — Nova Livraria Internacional de Lisboa

Entre os poucos livros que me tem sido offerecidos nos ultimos tempos e de que sinto a necessidade de fallar, ha um de Teixeira Bastos, *Vibrações do Seculo*.

Este livro tem de muito curioso para o nosso paiz o seguinte : é de versos e escripto por um moço educado na sciencia e na philosophia positiva. Pois não é verdade que em Portugal causa ainda estranheza que um pensador publique versos? Não é certo que entre nós as ideias de sciencia e poesia passam por antinomicas, por incompativeis?

Para a grande maioria do povo portuguez um poeta é ainda hoje a figura pallida e lacrimante que phantasiava a Tata Bobosse de um livro de Daudet. O poeta, segundo a opinião geral, é um lunatico incomprehenivel, um irritavel, um doente, cheio de aspirações indefinidas e vazio de conhecimentos praticos. Não tem uma noção scientifica, não comprehende as durezas da vida, vota um horror profundo e sincero á mathematica, um desdem supremo aos conhecimentos experimentaes e mantem pelos sentimentos humanos, que não aprecia, um scepticismo absolutamente comico. Fallando do amor, o poeta legendario chama-lhe uma ficção; a humanidade é para elle um bando de animaes prosaicos que o não comprehendem, que não sabem apreciar-lhe o *quid* divino, a chamma que o consome e o immortalisa ao mesmo tempo; as mulheres são montros infernaes...

Podesse uma só nau contel-as todas
E o piloto fosse eu...

Por cima das aspirações indefinidas e dos ideaes incompreheniveis, paira na cabeça do poeta uma camada de caspa.

Pois bem : o snr. Teixeira Bastos, o auctor das *Vibrações do Seculo*, não tem horror á sciencia, não é devorado por chamma de qualidade alguma, não alimenta aspirações indefinidas, nem conserva caspa na cabeça. É um homem moderno, cheio de crenças, conhecendo a sciencia, frequentando a philosophia, definindo em todos os campos da sua actividade extensissima

o ideal que visa e por cuja consecução trabalha. Entendendo, á maneira de outros poetas novos da França, que nos domínios propriamente e rigorosamente scientificos ha uma idealidade profunda e motivos de sobejo para excitar a emotividade dos espiritos superiores, o snr. Teixeira Bastos conseguiu nos seus versos a alliança do espirito positivo da sciencia com as subtilezas mimosas da arte. As *Vibrações do Seculo* ahí estão para attestar que existe poesia no mundo, na sciencia que o estuda, na comprehensão synthetica das leis que o governam. O scepticismo, a descrença que se desgrenha e vocifera não são dos nossos dias: significam uma aberração subjectiva do sentimento não disciplinado pelas faculdades directoras da intelligencia. A poesia moderna é uma coisa differente, querida Tata Bobosse, querido publico portuguez! Para ser um poeta do nosso tempo é mister ter ascendido ao ponto culminante e dominador d'onde se descobre tudo quanto o espirito humano produziu, no seu labutar incessante e heroico, para resgate da especie. Para arrancar o homem á primitiva escravidão da natureza e collocar-lhe na mão o dominio de um planeta, foi preciso um trabalho secular, uma lucta gigantesca, um esforço colossal. Pois é n'esse trabalho, n'essa lucta, n'esse esforço que reside a poesia verdadeira, a que é feita, não para encher saraus ou captivar meninas loiras, mas para emocionar os que pensam, os que se interessam pelo combate travado entre o inconsciente, representado pela tyrannia da natureza, e o consciente representado pelo homem que aspira á libertação.

O snr. Teixeira Bastos comprehende a poesia d'este modo.

Perdoemos-lhe, pois, as incorrecções de fórma, as durezas, as sombras do seu livro, que as tem; que elle se corrija d'estes defeitos e continue no caminho encetado é quanto desejamos e é quanto lhe pedimos.

JULIO DE MATTOS.

Sciencia pre-historica — Primeira parte: *Paleontologia humana*. AS POPULAÇÕES LACUSTRES, por Anselmo de Andrade. Lisboa, 1882. 1 vol. in-4.º — 130 paginas.

Bastava a importancia das questões que se ligam ao passado humano anterior a toda a intencionalidade historica, para chamar a attenção sobre este livro. O espirito não soffre decepção alguma n'esta legitima curiosidade, porque a obra está fundamentalmente estudada, o auctor é uma intelligencia lucida, que anima a investigação analytica com uma viva paixão pelo seu assumpto, e Portugal fica dignamente representado n'este concurso de esforços para o desenvolvimento da moderna sciencia da Paleontologia humana. O nome de Anselmo de Andrade será desconhecido para muita gente; elle vive isolado nas suas propriedades de Beja, entregue aos livros quando não viaja pelas principaes capitães da Europa; e seguindo a espontaneidade das suas predilecções, só estuda o que lhe agrada, não cooperando directamente com a alta capacidade que possui, como lhe competia, n'este esforço de reorganisação moral ao qual todos devemos sacrificar as nossas energias. Anselmo de Andrade pertence a essa geração de Coimbra, em que floresceram Anthero de Quental, Eça de Queiroz e um grande numero de rapazes que se desalentaram e sumiram na vida de provincia; n'essa época de actividade metaphysica e de exaltação poetica, Anselmo de

Andrade lia com fervor os estudos de ethnologia, e saturado de Michelet e de Quinet, escreveu o seu primeiro livro, *As Epopêas da Historia*, que era a revelação de um talento. Estava dado o primeiro passo, e o proprio trabalho o afeiçoaria e o tornaria grande. A Universidade, porém, só conhece os talentos pelo automatismo com que vomitam a *sebenta*, e tanto Anselmo de Andrade como tambem Eça de Queiroz foram brindados pelo Paes-Novo com um *R* na votação da formatura. É certo que Anselmo de Andrade esteve dezeseis annos sem publicar cousa alguma, e porventura seria uma intelligencia esterilizada se uma vocação do intimo o não impellisse a tomar conhecimento e a manifestar-se sobre as grandes questões scientificas modernas. O livro de que hoje apresenta um fasciculo isolado é a boa nova de mais um valente obreiro que volve ao trabalho mental porque não pôde estar parado. A traça geral da obra intitula-se *Estudos de Paleontologia humana*, e tratará dos seguintes assumptos em outras tantas monographias: *As populações paleolithicas, As populações neolithicas, As populações da era de bronze*. A presente monographia, sobre as *Populações lacustres*, pelo enorme material de erudição sobre que está assentada, e pela audacia das vistas syntheticas que deduz d'esses elementos, revelam-nos além de um trabalhador consciencioso, um espirito original e com um aspecto poetico das questões, que, como em Renan, suppre a falta de uma concepção philosophica. A obra divide-se em cinco capitulos, sobre as Habitações, a Ethnographia, a Chronologia, a Religião e a Sociologia. Esta ultima divisão é o lado defeituoso do livro, porque a Sociologia não só comprehende a maior parte dos capitulos anteriores, mas rigorosamente dá-se o nome de Sociologia a uma sciencia geral e abstracta dos phenomenos sociaes, e não á somma dos elementos descriptivos reunidos para as deducções d'essa sciencia. Não se pôde dizer que a anatomia, a botanica ou a zoologia sejam Biologia, comtudo são sciencias coneretas que prestam os dados inductivos para se estabelecerem as deducções geraes e abstractas da sciencia fundamental da Biologia. Da sciencia pre-historica o que se pôde aproveitar para a Sociologia é o estabelecimento e comprovação da lei de continuidade historica, fazendo com que as altas civilisações como a accádica, peruana, kmér, e a egypcia, persam esse caracter extraordinario, relacionando-as com um passado rudimentar e inferior d'onde provieram evolutivamente. A falta de uma philosophia faz-se sentir ainda apesar dos mais perfectos methodos scientificos; temos ethnologos que combatendo etymologias erradas e transcrevendo usanças do *Almanach de Lembranças*, a si mesmos passam diplomas de competencia, vindicando com rancor a prioridade da publicação de um réfrem popular, e impondo um negativismo pedante que pretendem fazer passar por severidade scientifica. Estes ficaram onde a sua mediocridade os deixou. A parte a reserva feita do capitulo da Sociologia, todos os outros das *Populações lacustres* estão logicamente divididos e cabalmente tratados. O capitulo das Habitações é principalmente descriptivo; o auctor esmerilhando os varios typos das habitações do homem primitivo sobre os lagos, apresenta as cidades construidas sobre estacas (designadas pelos italianos *palafittas*) e as que se alevantaram sobre pedras e entulhos formando pequenas ilhas (*steinberg*, como lhes chamam os allemães, *cramoges*, na Irlanda, e *packwerbanten*, na Suissa). Esta fórma de habitação do homem primitivo foi longo tempo desconhecida dos historiadores e archeologos, apesar da sua universalidade, da conservação do systema entre alguns povos selvagens, e dos vestigios abundantissimos de fórmulas cultuaes relacionadas com os lagos. A descoberta que tanto veiu revolucionar a Sciencia pre-historica data da segunda metade d'este seculo, quando se descobriu no lago de Zurich em 1854, por effeito de uma grande estiagem, a primeira estação la-

custre; as descobertas multiplicaram-se de um modo assombroso dentro em dez annos, e o que se via nos lagos da Suissa reaparecia por toda a Europa, na Africa, nas ilhas do Pacifico, na Asia e na America. Era um assombro; apparecia-nos uma época viva da humanidade, na qual preponderava um mesmo systema de construcção e os mesmos recursos industriaes; entrava na lucta pela existencia uma raça activa, que depois da violencia do ataque do homem traglodita com as suas facas de pedra, começava um processo defensivo, em que garantia a sua segurança contra os grandes monstros da natureza e iniciava pela concentração do lar a domesticidade dos animaes, que tanto cooperaram para o seu triumpho definitivo sobre as fatalidades cosmicas. As *Populações lacustres* são um problema da mais alta importancia, sobretudo quando se reconhece a sua vasta rêde espalhada sobre todos os continentes; portanto estes factos descriptivos levam necessariamente á inferencia de qual seria a raça inventora e propagadora d'esse systema defensivo, que outras raças superiores vieram a aproveitar, perdendo-se por esta desnaturação o conhecimento do seu uso primordial. O capitulo da Ethnographia responde brilhantemente a este problema, é o mais audacioso da obra, sustentando que era uma raça conhecedora do bronze, a qual precedeu na Europa a entrada dos Arias. O snr. Anselmo de Andrade traça previamente a dispersão geographica das cidades lacustres: « Todo o globo era cingido por ellas. Contornavam-no como se fossem um equador. No extremo occidente as ilhas da Gram-Bretanha, a Galliza, as Asturias e mesmo as provincias vascongadas tiveram as suas bacias lacustres mais ou menos povoadas. Depois vindo para este, e não fallando da Suissa, que era um verdadeiro archipelago de populações lacustres, na França, na Italia, na Baviera, nas margens do Elbo, no Brandeburgo, no Mecklemburgo, na Pomerania, na Polonia, na Austria, na Romelia, na Grecia, nas regiões da antiga Dacia, as palafittas não tinham conto. — Passadas as fronteiras europeas, e seguindo pelas margens do Ponto fóra até ás extremidades do Caucaso e ás aguas do Caspio, os vestigios das palafittas continuam a apparecer como se fossem os marcos arrancados e quebrados de uma velha estrada abandonada. » (Pag. 83) E fallando das cidades ou populações lacustres da Africa: « O interior do velho continente africano é ainda pouco conhecido para se traçar uma carta geographica d'essas habitações. Comtudo nos lagos de Tshadd, e de Mahrya, nas margens do Zambeze e do Niger e na costa dos Escravos, é certo haver *cabanas lacustres, que reproduzem exactamente as pre-historicas da Europa.* » (Pag. 37) É aqui que o auctor propõe o problema ethnico, caracterisando a raça iniciadora das habitações lacustres: « é surpreendente a apparição das palafittas na Africa, estando toda ella fóra da corrente das migrações. É porém d'ahi, do interior do continente negro, que nos vem um esclarecimento inesperado para este problema. » (Pag. 33) O trabalho d'Eichthal sobre a raça dos Fullahs, e a theoria da distribuição das raças de Hæckel prestam excellentes subsidios de comprovação para esta corrente de população branca que atravessou as populações negras da Africa, e que d'ellas receberam o nome caracteristico. (*Fulah*, no dialecto Rotti, e *fuleh*, nas ilhas oceanicas, significam branco). « Se a raça oceanica é o producto de dois factores, um indigena e o outro proveniente da Asia meridional, é sem duvida n'este ultimo que devemos ir filiar a população lacustre. » (Pag. 41) « Os cereaes cultivados na Europa pelos forasteiros lacustres, eram as especies asiaticas provenientes da referida região oriental, bem diversas das que anteriormente se conheciam no Occidente. » (Pag. 43) « A liga dos bronzes lacustres é a mesma que a de certos bronzes assyrios, sendo porém diversa nas outras partes do mundo. — Por esta balisa entre o centro oriental, que determinamos e a Europa, não é difficil seguir

depois as pégadas da população lacustre. Proseguindo na sua longa jornada occidental passou o Caucaso, entre o Caspio e o Euxino, estanceando nas regiões que formam hoje a parte meridional da Russia, principalmente nas margens dos seus grandes rios, do Don, do Dnieper, e do Dniester. Quando porém entraram na Moldavia, o gigante dos rios europeus ensinou logo aos lacustres um itinerario de setecentas leguas. Não foi a primeira nem a ultima vez que ao grande rio couberam os destinos occidentaes.» (Pag. 44) Dos esqueletos achados nos lagos da Suissa, vê-se que essa população lacustre era de « estatura pouco elevada, dolichocephala » inferindo-se pelo seu habitat nos logares baixos, que deveria ter a côr trigueira. (Pag. 51) Esta raça tinha sido precedida na entrada na Europa, ainda na idade de pedra, por « uma raça mongoloide, prognatha, com o rosto em fórma de losango, de cabeça redonda, côr trigueira, cabellos negros e espessos, olhos escuro; e estatura elevada.» (Pag. 46) Vê se portanto que era uma raça de proveniência *maltaia*, (pag. 116) já com uma civilização relativamente superior, que o nosso paleontologista relaciona com essas populações que iniciaram nos deltas da Chaldêa (pag. 70) e de Camboja as civilizações accadica e kmér. É certo que na tradição provençal as canções dos trovadores apresentam typos estrophicos semelhantes ás fórmas poeticas dos cantos accadiccos, modernamente descobertos, e aos cantos do *Chi-King* da China. Na exposição do sr. Anselmo de Andrade falta a consideração do facto da emigração de populações lacustres através da Africa, as quaes penetraram no occidente da Europa, segundo o previra o grande Leibnitz. No capitulo da Chronologia, prova exuberantemente a modernidade das populações lacustres comparada mesmo com a idade de bronze; o capitulo da Religião comprova o asserto, pela demonstração de um estado religioso em que preponderava o culto lunar. (Pag. 83) « Além d'isso tambem nos terramares de Brescia, de Mantua, de Modena, de Parma, e nas estações lacustres de Garde e de Fimon, foram descobertos *crescentes* como os dos lagos helveticos que demonstram a antiga existencia d'aquelle sabeismo, tanto de um como de outro lado dos Alpes.» (Pag. 90) Do culto lunar infere-se uma condição social agricola, o que se verifica com a população das palafittas. (Pag. 91) As tradições populares ácerca da lua, com poderes magicos, e como especie de paraíso, onde se refugiavam as almas, revelam-nos as primitivas nações animistas dos lacustres. O costume contado por Herodoto, de por cada casamento o par conjugal ter de ampliar a cidade com mais uma estaca, é tambem a revelação dos rudimentos de uma lei politica a que cada um obedecia para o interesse de todos. A actividade agricola das lacustres fez com que se fixassem insensivelmente na terra á medida que os perigos dos grandes monstros ou das raças canibalescas iam desaparecendo; por esta transformação lenta da estabilidade é que se perdeu totalmente a memoria d'essa phase da vida sociativa do homem, onde elle encontrou os *otia tuta*, em que desenvolveu a sua capacidade especulativa. O livro do sr. Anselmo de Andrade tem sido bem recebido pelos antropologistas estrangeiros, com quem está em relação directa; a imprensa portugueza devia-lhe uma referencia de justiça, e não sem interesse, para que se apresse a dotar a nação com a sua obra completa.

THEOPHILO BRAGA.

Estudo ácerca do gado ovino do districto de Castello Branco,
por Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo. Lisboa, typographia de Castro Irmão.
1883. — 88 pag. in-4.º

Este trabalho, de que se fez uma pequena edição, que não veio ao mercado, serviu de dissertação para o acto final do curso de agronomia, que o auctor, moço intelligente e estudioso, frequentou com bastante aproveitamento. O livro que temos presente é uma prova frisante do que avançamos, e que faz honra tanto ao alumno, hoje agronomo diplomado, como ao Instituto geral de agricultura de Lisboa, onde concluiu os seus estudos. O snr. Filippe de Figueiredo, ao contrario do maior numero dos seus collegas do Instituto e em geral de todas as escolas especiaes e superiores, entendeu que a these não devia ser um trabalho vulgar e insignificante, destinado simplesmente a satisfazer a um artigo regulamentar, mas sim um estudo consciencioso, que affirmasse ao mesmo tempo os solidos conhecimentos adquiridos na frequencia do curso e a sua aptidão e boa vontade para os utilizar na vida pratica, contribuindo efficazmente para o progresso, desenvolvimento e prosperidade nacional. É louvavel o pensamento do novel agronomo, e digno de ser imitado por todos os novos, por todos quantos têm ainda o enthusiasmo sincero da mocidade e que não foram corrompidos pela gangrena das repartições publicas e do mundo official. Só as novas gerações poderão arrancar o paiz do estado miseravel de decadencia e de desorganisação a que o arrastou a monarchia; mas para isso é necessario, que não deixem murchar as esperanças juvenis, e que fortaleçam as suas aspirações espontaneas com o estudo das sciencias naturaes e com a perseverança no trabalho. A sciencia é a maior força revolucionaria das sociedades modernas e o unico alicerce verdadeiramente firme da reorganisação social. Por ella, e só por ella se póde erguer a nossa nacionalidade. Que as novas gerações estudem, pensem, trabalhem; e o futuro do paiz estará garantido. A dissertação, de que nos occupamos, é um symptoma agradabilissimo. A mocidade começa a preoccupar-se com os mais sérios problemas scientificos e com as mais graves questões sociaes, começa a tomar interesse pela vida nacional, começa a pensar serenamente nos meios de collocar a nação portugueza a par das nações mais avançadas da Europa. Ainda bem; é tempo de Portugal occupar o logar que lhe pertence na vanguarda da humanidade.

O snr. Filippe de Figueiredo visitando, nas ferias de 1881, o districto de Castello Branco, estudou as condições naturaes e economicas d'esta região, o clima, a orographia, a cultura, o gado, observou o estado intellectual do povo, a falta de instrucção, a rotina, tomou notas, pediu esclarecimentos aos agricultores e aos industriaes e emfim, munido de tão variados elementos, formulou os seguintes quesitos: « 1.º — Será vantajoso, debaixo do ponto de vista economico, o melhoramento das raças lanigeras do districto de Castello Branco? 2.º — Reunirá a localidade em questão, as condições naturaes necessarias e indispensaveis para o fim proposto? 3.º — No caso affirmativo, quaes os meios a empregar para levar a effeito a empresa projectada? » Foi este o assumpto escolhido pelo novel agronomo para a sua dissertação, e que elle trata desenvolvidamente no livro ácerca do qual fazemos estas ligeiras considerações.

Na introdução descreve o auctor, a traços rapidos, o estado precario da industria e da agricultura, na Covilhã, notando que, á primeira, falta especialmente o ensino profissional, e, á segunda, uma instrucção scientifica e os capitales necessarios para a appropriação das riquezas naturaes. Com razão condemna a indolencia do nosso povo e a indifferença dos governos,

causa manifesta da falta de associações operarias e de caixas economicas agricolas, como as que existem em Inglaterra e n'outros paizes, e que tantos serviços dispensam aos pequenos agricultores. Nós conservamo-nos n'uma inacção evidentemente fradesca, restos dos habitos adquiridos durante alguns seculos de bestialisação monachal.

O snr. Philippe de Figueiredo divide em duas partes o seu trabalho; na primeira, occupa-se do carneiro em presença das condições economicas e naturaes da provincia da Beira Baixa, e estuda o gado ovino como productador de estrume, de lãs e de carne, o clima, a alimentação e a cultura actual, as modificações de que é susceptível o systema de cultura, as vantagens que d'ahi podem advir, e os effeitos da grande divisão da propriedade. O auctor crê que, com perseverança e força de vontade, é possível melhorar o carneiro fazendo-o produzir carne e lã. Diz elle: « Augmentem-se os recursos forraginosos; ponham-se em pratica os varios methodos de gymnastica funcional; active-se um pouco na raça o desenvolvimento precoce; faça-se subir o peso vivo dos individuos, dos actuaes 15 kil. a 40 ou 50; alimentem-se abundantemente, sem que haja receio de que a lã perca as suas boas qualidades, porque as não tem: para este producto não ha que esperar senão beneficio. » E' necessario para isso transformar o systema de exploração de extensivo, como por'ora tem sido, em intensivo.

Na segunda parte, trata dos meios a empregar para levar a effeito os melhoramentos em questão. Depois de considerar o estado actual do gado lanigero na Beira Baixa, a variedade em que se filia, o seu modo de vida, a sua alimentação, criação e exploração, o auctor procura os processos indispensaveis « para o fazer sabir d'este estado, a quasi todos os respeitos primitivo, e eleva-lo ao que elle é chamado a occupar na economia rural d'esta região. » Os principaes obstaculos que encontra são: « a inferioridade da raça de carneiros indigenas e o regimen alimentar e o modo de tratamento aqui seguido. » Para vencer o primeiro, propõe o snr. F. de Figueiredo o cruzamento e a selecção artificial, que tantos e tão notaveis resultados têm dado n'outros paizes. As doutrinas de Darwin, trazidas para o campo da applicação, têm fornecido á industria pecuaria optimos resultados. « A arte da criação, escreve Hæckel, já tem feito taes progressos, que muitas vezes o homem pôde produzir, á vontade, dadas particularidades entre as especies domesticas, animaes e vegetaes. » ¹ O gado ovino é desde muito submettido á selecção artificial que tem produzido raças celebres, como o merino, o *dishley* e o *southdown*, citadas pelo illustre agronomo. Para o cruzamento com o indigena aconselha, porém, o *grande churro* ou *lacha*, carneiro hespanhol, já introduzido n'alguns pontos do Alemtejo, e que tem uma lã comprida e grande disposição para a engorda. Contra o segundo obstaculo propõe o desenvolvimento da precocidade por meio da gymnastica funcional, a estabulação, a alimentação composta de forragens seccas e verdes, etc.

Na conclusão da sua these, o snr. Philippe de Figueiredo, escreve os seguintes periodos que são altamente sensatos: « Atardada no caminho do progresso social, parada no meio de tudo o que caminha, a agricultura rotineira não pôde corresponder ás exigencias da civilisação moderna; por isso soffre e os agricultores, soffrendo com ella, reclamam a assistencia dos governos, como o seu unico salvaterio, sem repararem que é exclusivamentem em suas mãos, que se encontra o remedio para os seus males.

¹ *Histoire de la création*, tr. fr., pag. 138.

« O Estado não póde, nem deve descer a estas pequenas coisas, a estas minuciosidades, de que quasi sempre, porém, resulta a prosperidade d'um paiz.

« Estas pertencem á iniciativa particular, á iniciativa dos proprios lavradores e proprietarios ruraes.

« O Estado só deve intervir onde esta iniciativa fôr impotente. É a elle que compete organizar o ensino ; facilitar os capitaes e o trabalho por meio de leis opportunas ; coadjuvar a circulação dos productos por meio de vias de comunicação facil e com pouco mais termina a sua intervenção.

« E d'estas funcções mesmo, que quasi sempre são attribuidas á iniciativa do governo, muitas desejaría eu vêr a cargo dos municipios e das juntas districtaes. As ideias de centralisação estão ainda hoje muito de posse dos animos populares, ainda pouco afeitos ás ideias liberaes do nosso seculo.

« Entretanto esta descentralisação dos poderes e das attribuições daria optimos resultados, pois que crearia a iniciativa particular, pondo de lado a obediencia passiva, que tudo acceta sem discussão, e que tem constituido até hoje o nosso modo de ser. »

Resta-nos só felicitar o nosso amigo Philippe de Figueiredo pela sua estreia, e pedir-lhe que continue trabalhando para ajudar a levantar o paiz da ruina, a que chegou, impellido por esta dissolução monarchica que atravessamos.

TEIXEIRA BASTOS.